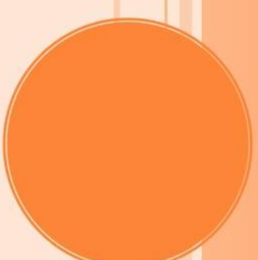


SEMINÁRIO INTERLINHAS

Volume 1, número 1 • jan./jun. 2013 • ISSN

ANAIS



ANAIS

SEMINÁRIO INTERLINHAS — 2013.1
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL (PÓS-CRÍTICA)

Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Campus II
Alagoinhas, Bahia, Brasil

Período: 24 e 25 de julho de 2013

ANAIS

SEMINÁRIO INTERLINHAS — 2013.1
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)

Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Campus II
Alagoinhas, Bahia, Brasil

Período: 24 e 25 de julho de 2013



Fábrica de Letras
Laboratório de Edição

Alagoinhas, 2013



Universidade do Estado da Bahia — UNEB
Reitor: Lourivaldo Valentim da Silva
Vice-Reitora: Adriana dos Santos Marmori Lima
Departamento de Educação — DEDC II
Diretor: Ubiratan Azevedo de Menezes



Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural —
Pós-Crítica
Coordenação: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos
Vice-Coordenador: Prof. Dr. Paulo César Souza
Garcia



Editora Fábrica de Letras
Coordenação: Profa. Dra. Edil Silva Costa
Editor: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel
Editora assistente: Gislene Alves da Silva

Ficha Catalográfica:

S471 Seminário Interlinhas, 2013.1: (24 e 25 de julho de 2013, Alagoinhas, BA)/
Anais: Organizadores: Gislene Alves da Silva, Maria Aparecida Santos
de Souza e Priscila Lima de Carvalho; Universidade do Estado da Bahia.
Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas: Fábrica de
Letras, 2013.
77p.

1. Literatura – Crítica e interpretação- Congressos. 2. Letramento –
Congressos. 3. Linguagem e línguas - Congressos. 4. Cultura- Congressos.
I. Silva, Gislene Alves da. II. Souza, Maria Aparecida Santos de. III.
Carvalho, Priscila Lima de. IV. Universidade do Estado da Bahia.
Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural. V. Título.

CDD 801.95

Biblioteca do Campus II / Uneb
Bibliotecária: Maria Ednalva Lima Meyer - CRB: 5/504

Créditos: Anais do Seminário Interlinhas

Organização: Gislene Alves da Silva, Maria Aparecida Santos de Souza e Priscila Lima de Carvalho

Projeto gráfico: Roberto H. Seidel

Editoração: Gislene Alves da Silva

Revisão: Maria Aparecida Santos de Souza e Priscila Lima de Carvalho

Capa: Gislene Alves da Silva

Assistente editorial: Eider Ferreira Santos, Maria Aparecida Santos de Souza, Priscila Lima de Carvalho
e Silvana Nascimento Lianda.

Impressão: Fábrica de Letras do Pós-Crítica/UNEB

Seminário Interlinhas — 2013.1, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II
Alagoinhas, Período: 24 e 25 de julho de 2013.

Conselho Científico:

Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves (UNEB)
Profa. Dra. Carla Patrícia Bispo de Santana (UNEB)
Prof. Dr. Carlos Magno S. Gomes (UFS)
Profa. Dra. Edil Silva Costa (UNEB)
Profa. Dra. Elisangela Santana dos Santos (UNEB)
Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)
Prof. Dr. José Carlos Félix (UNEB)
Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)
Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz (UNEB)
Profa. Dra. Maria Nazaré Mota de Lima (UNEB)
Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes (UNEB)
Profa. Dra. Mauren P. Przybylski (UNEB)
Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (UNEB)
Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)
Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia (UNEB)
Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel (UNEB)
Profa. Dra. Suely Aldir Messeder (UNEB)
Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond (UNEB)

Comissão Organizadora do Seminário Interlinhas:

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)
Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (UNEB)

Comissão de Divulgação [blog, site]:

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)
Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (UNEB)

Comissão de Infra-Estrutura:

Hildete Barroso de Souza
Michele da Silva de Aragão
Luann Andrade da Silva
Gleison Fernandes

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	11
<i>Ana Fátima Cruz dos Santos</i> Práticas sociais e o conceito de educação quilombola na comunidade Santiago do Iguape	13
<i>Carla do Espírito Santo Xavier</i> Histórias de vida como imagens de si	17
<i>Daisy Souza de Almeida</i> O estranho e a desumanização em Antônio Carlos Viana	23
<i>Elisabeth Silva de Almeida Amorim</i> A vontade de criar em estudantes de educação básica: cadernos de literatura	29
<i>Elizia de Souza Alcântara</i> As histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado: as imagens de uma literatura menor	37
<i>Evanildes Teixeira da Silva</i> Formação em políticas públicas culturais: Desafios para o perfil profissional de letras	41
<i>Gabriella Bernardo de Souza</i> O lugar da escrita na tessitura literária de Mia Couto: uma análise do romance <i>A confissão da leoa</i>	49
<i>Gislene Alves da Silva</i> Vozes femininas de Alagoinhas: memórias e escritas de si	55
<i>Leonardo Rodrigues Teixeira</i> <i>Dona Flor e Gabriela</i> : uma investigação da produção da subjetividade feminina através da culinária e da sexualidade	59
<i>Mauricio José de Jesus</i> Produção cultural autônoma em rede e singularização da subjetividade	65
<i>Táise Alves Moreira</i> A escrita em troca da oralidade: o <i>facebook</i> como um arranjo social atual e suas implicações sobre o particular	71
<i>Vandelma Silva Santos</i> A Literatura e os editais de financiamento público no Estado da Bahia	77
<i>Wellington Neves Vieira</i> Sob as trilhas ecodiaspóricas: representações ambientais e resistência política em Amada de Toni Morrison	83

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), sediado no Campus II da UNEB, na cidade de Alagoinhas, é pioneiro ao interiorizar uma proposta de formação de pesquisadores em crítica da cultura, a partir de um diálogo com grupos que mobilizam os aparatos teóricos do pós-estruturalismo.

O *SEMINÁRIO INTERLINHAS* é um evento semestral do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, tendo como objetivo o estudo, reflexão e debate sobre os projetos de pesquisa em andamento realizados no interior e entre as linhas *Margens da Literatura, Letramento, Identidades e Formação e Narrativa, Testemunhos e Modos de Vida* pelos discentes e docentes do programa.

A comissão organizadora

PRÁTICAS SOCIAIS E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA COMUNIDADE SANTIAGO DO IGUAPE¹

Ana Fátima Cruz dos Santos²

Orientadora: Profa. Dra. Maria Anória de Oliveira

Resumo: O objetivo deste *paper* é apresentar o progresso da pesquisa de mestrado em crítica cultural desde sua elaboração até o conhecimento de autores dos estudos culturais, da Linguística Aplicada, e demais áreas de estudos que apresentam diferentes teorias conduzindo o objeto da pesquisa para novos caminhos de análise. Serão apresentados o objeto atual de pesquisa, a metodologia a ser adotada e a nova problemática em questão. Continuamos a investigar sobre a educação quilombola, porém o foco está direcionado a percepção e noção que determinada quilombola tem do que seja educação quilombola e os usos de linguagem e práticas sociais para manipular determinado conceito.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Linguagem. Crítica Cultural.

"A cultura é, de expressão, primeiro de uma nação, suas preferências, seus tabus, seus modelos"
Frantz Fanon

O anteprojeto *Educação Quilombola: a linguagem das mulheres negras* foi aprovado na seleção 2013 do mestrado em Crítica Cultural. O mesmo tinha enquanto objeto de pesquisa as narrativas das mulheres negras de quilombos situados no território baiano registrados no documentário do diretor cinematográfico Antonio Olavo, *Quilombos da Bahia* (2004). A pesquisa possuía um método de análise documental e, a partir disto, salientar possíveis estratégias pedagógicas para aplicação de uma educação quilombola baseada nas culturas dos territórios quilombolas visitados. Estavam em questão as vivências das mulheres nas comunidades e a forma como as experiências de vida iam seguindo para gerações futuras.

A problemática anterior se valia do questionamento a seguir: qual a relação entre educação e o conceito de memória a partir das representações identitárias materializadas nos discursos das narrativas dos sujeitos entrevistados no documentário? Contudo, isto ainda não representava a linha de pensamento em que a pesquisa se pretendia guiar: trabalhar o conceito de educação quilombola independente da intervenção do Estado e suas políticas educacionais homogeneizantes e apontar os novos caminhos educacionais que determinadas comunidades quilombolas têm escolhido para educar sua juventude.

¹ Pesquisa sob a orientação da Profa. Dra. Maria Anória de Oliveira. Este paper foi apresentado enquanto Pré-requisito de avaliação discente do semestre 2013.1 para o Programa em Crítica Cultural (UNEB/Campus II) durante o Seminário Interlinhas 2013.1.

² Mestranda em Crítica Cultural/ Instituto de Letras-UNEB Campus II.

Envolvida com os teóricos estudados ao longo do primeiro semestre no mestrado, podemos observar a necessidade imediata de desconstruir conceitos fixados, a mudança de paradigmas para analisar de uma melhor forma as conjunturas sociais, culturais e também políticas a qual nos motiva à busca do conhecimento todos os dias. Neste momento, foi relevante observar os “sinais” que Ginzburg (1990) sugeria considerarmos assim como uma investigação minuciosa dos detalhes que compõem nosso olhar de pesquisador. Perceber os índices e a semiologia que nos cerca, principalmente quando discutimos os conceitos de cultura e identidade nesta sociedade pós-moderna. Estudar Thompson (1995), Turner (2005) e Friedman (1999) foi necessário para ganhar um panorama sobre o desenvolvimento do conceito de cultura que estes teóricos levantam e associá-los com os estudos em mobilidade cultural os quais nos permitem associar com as construções identitárias na reviravolta do mundo global.

As posturas epistêmicas se tornaram elementos criativos e interessantes enquanto estratégia de linguagem na pesquisa. Após conhecer os ideários de desobediência epistêmica por Mignolo (2008) e os diversos letramentos que circundam nossas práticas sociais (ver KLEIMAN, 2005; SOUZA, 2011), o objeto ganhou melhor definição. Para tratar sobre o tema educação quilombola no mínimo serão observados e aplicados letramentos diversos e assim, construindo identidades, aprendendo diferentes usos da linguagem e tudo isto imbricado nas culturas do território quilombola. Logo, concluímos que se faz necessária a especificação de uma comunidade remanescente de quilombo para estudo qualitativo e etnográfico. O recorte de perto da realidade educacional quilombola atrelada a estes dois conceitos: identidade e cultura.

A problemática que reescrevemos é: como ocorre a educação quilombola na comunidade Santiago do Iguape? A comunidade foi escolhida pela sua dimensão histórica dentro do território baiano, a qual, presentemente, explora seus bens culturais e suas identidades afro-diaspóricas através do recurso midiático mais conhecido como *internet*. Por meio de vídeos alocados na plataforma *youtube* e de perfil nas redes sociais, a comunidade quilombola situada em Cachoeira tem ressignificado a noção de tradição disseminada pelos negros africanos escravizados na região no período colonial. Por meio da música, da dança, da capoeira e do artesanato, Santiago do Iguape reescreve sua identidade negra e quilombola envolta no poder do global e local.

A continuidade da pesquisa tem provocado a ânsia por mais leituras sobre o pós-colonialismo, por adentramento nas posturas epistêmicas que dão novo sentido e significado às identidades fragmentadas do mundo pós-moderno (MOITA LOPES, 2006; HALL, 2001) e uma descolonização dos

signos no universo glocal³. Aprendendo todos os dias com as novas vozes, a possibilidade de se rediscutir o conhecimento não só aponta uma crise do objeto como a plenitude deste objeto em crise onde tudo é relativo e o crítico cultural é esta entidade que realiza arqueologias, ligações epistêmicas e transforma estruturas socioculturais.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. *Anteprojeto Educação Quilombola: a linguagem das mulheres negras*. Salvador/Ba, 2012. 11 folhas.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: *Por uma Linguística aplicada Indisciplinar*. Luis Paulo da Miota Lopes (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Ed. 6. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. (Brasil) Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 8 de jun. 2012.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Ministério da Educação, 2005.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. 2008, p. 287-324.
- SOUZA, Ana Lúcia silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: parábola Editorial, 2011.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 143-179.
- THOMPSON, John B. Conceito de Cultura. In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995, p. 164-214.
- TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu*. Trad. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005. p. 49-82.
- FRIEDMAN, Jonathan. Ser no mundo: globalização e localização. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 329-348.

³ Termo utilizado pela antropologia cultural a fim de explicitar a mistura de culturas globais modernas e locais tradicionais. Um intercâmbio entre as culturas em todas as suas modalidades e construções identitárias

HISTÓRIAS DE VIDA COMO IMAGENS DE SI

Carla do Espírito Santo Xavier¹

Aqui, nesta comunicação, pretendo trazer à discussão o projeto de pesquisa de Mestrado que visa refletir acerca das identidades e trajetórias de mulheres negras do Centro de Giro Caboclo Boiadeiro (Candomblé Angola), em Teodoro Sampaio – Bahia. Neste sentido, uma questão fundamental é refletir sobre de que modo a experiência religiosa, através de rituais, mitos e arquétipos fundamentam as identidades e trajetórias destas mulheres no contexto social. Analisando como as suas narrativas de vida se entrecruzam e se reverberam na vida cotidiana enquanto atores sociais.

Todo processo de pesquisa é um ato de busca, de procura, de entendimento, de algo que nos é desconhecido, mas é difícil pesquisar algo que não tenha significância em nossa vida, pois nossos projetos nascem de nossas inquietações, de nossas projeções e reinvenções. Trata-se de uma pesquisa que sofreu um deslocamento durante o primeiro semestre do Mestrado em Pós-crítica. A princípio tinha o interesse de refletir as influências advindas do espaço escolar nas identidades das mulheres negras que transitaram por esse lugar. Mas com as discussões relativas aos objetos de pesquisas no campo da Crítica Cultural e o desafio provocado pela pesquisa do meu orientador, resolvi fazer esse movimento para refletir sobre as mulheres negras que estão envolvidas no Candomblé Angola.

A *priori* o deslocamento se justificava pela tentativa de buscar uma sintonia com meu orientador, mas aos poucos percebi que existe algo presente nas minhas inquietações visitadas no meu passado ao lembrar de minha vó que fazia festa para Santa Bárbara em sua casa, minha atual casa. Isso posto, existem lembranças e memórias de uma mulher guerreira, corajosa e que protegia os seus sempre norteando minhas inquietações.

Partindo da referência familiar e teóricas far-se-á relevante reiterar o questionamento que se coloca no início do texto, a saber: de que modo a experiência religiosa, através de rituais, mitos e arquétipos fundamentam as identidades e trajetórias destas mulheres no contexto social? Em que medida as narrativas elaboradas pelas mulheres negras sobre seu próprio corpo, aciona a memória étnica, racial e cultural e questionam as hierarquias de raça e gênero provocadas pela sociedade em que estão inseridas? De que forma essas mulheres se percebem e como suas narrativas se cruzam?

¹ Mestranda em Crítica Cultural do Programa de Pós-Crítica – UNEB, Campus II. Email: carlabebe@hotmail.com.

Diante disso, faz-se necessário a incorporação de teóricos que imprimam rigor a pesquisa. Para tanto, a abordagem de gênero terá como base as noções trazidas por Joan Scott (1989), quando elucida sobre o conceito de gênero como constructo social, ou seja, homens e mulheres são resultados da realidade social e não a decorrência da anatomia. Essa escolha me permite abandonar a explicação de que a natureza é a grande propulsora das diferenças existentes entre homens e mulheres.

Nesta pesquisa opto por abordar a identidade dentro de uma perspectiva cultural. A identidade cultural é construída a partir da dinâmica da visão que temos de nós mesmos, *o eu* e também de como nos veem, *o outro*. Por isso, a identidade não é algo estático, fruto do isolamento de grupos e sociedade, mas se fundamenta na interação do indivíduo com o meio em que está inserido, segundo os argumentos de Nilma Lino Gomes (2005).

Desse modo, a identidade é um processo constante de construção e reconstrução, aceitação e rejeição, que se prolonga durante toda a vida. A identidade se constitui nas particularidades do grupo, evidenciando-se pela história, experiência, cultura, religião dentre outros aspectos, que necessariamente, não são iguais ao modo de ser de outros grupos. Contudo, ainda é comum que grupos com ancestralidade africana sofram discriminação por assumir sua identidade etnicorracial, o que nos revela a necessidade de mediações e intervenções, no âmbito da sociedade.

A abordagem sobre identidade está balizada nos fundamentos teóricos de Stuart Hall (1992), uma vez que nos permite estabelecer o diálogo entre o sujeito e a sociedade, refletindo sobre os impactos das relações que estabelecem com a construção das identidades. A leitura, discussão e compreensão dos textos do autor não poderiam ficar excluídos numa pesquisa que se destina a estudar o corpo individual e social e que de muitas formas diz-se pertencer ou não a determinado grupo, lugar e estado. A mulher nos espaços que habita e sujeito social é influenciada por suas relações apropria-se de valores, sentidos e símbolos estando presentes aí a cultura.

Ademais, a cultura popular, escamoteada pela cultura das elites, tem sido manipulada pelas burocracias culturais que se apropriam das memórias, narrativas e representações fazendo-as perderem a força de resistência popular marginalizada. Aqui, queremos ouvir as narrativas e acionar as memórias das mulheres negras para percebermos o quanto o terreiro foi/é importante para construção de sua identidade.

A memória é um espaço de reconstrução da identidade, pois nela estão guardados registros do passado que ao serem acionados podem ajudar no processo de reconstrução da identidade do sujeito, se constituindo também como uma forma de resistência. A memória é uma forma de resistência, já que ela traz à tona lembranças e a possibilidade de preencher lacunas antes não vistas.

No texto *Políticas da Memória e Técnicas do Esquecimento*, Nelly Richard (1999) faz uso do processo de pós-ditadura no Chile para refletir sobre a importância e o perigo da memória, já que esta pode nos levar a reinterpretar o passado desfazendo e refazendo seus nós, remexendo seus dados para gerar novas significações.

A memória é uma força subjetiva que ao mesmo tempo é profunda e ativa, latente, penetrante, oculta e invasora. A memória é o movimento de deixar vir à tona, lembrar-se. A propósito, Angélica Soares (1999) salienta que o passado é revisto a partir da antecipação do futuro, unindo o começo e o fim. Para Soares “a memória põe-nos em contato, consciente ou inconsciente, com o sentido unitário no tempo, que governa nosso ser-no-mundo” (SOARES, 1999, p. 98).

A memória pode ser reconstituída por meio de dois vieses: coletivo e individual. Para compreendermos melhor como isso acontece Angélica Soares cita Marilena Chauí no texto *Memória Poética Feminina: Hierarquia em Questão*, tendo a compreensão de que os modos lembrar é individual e coletivo.

Diante do exposto, o intuito da pesquisa é refletir sobre as narrativas individuais, mas percebendo onde essas memórias se cruzam. Nesse bojo, compreendemos que ao negro, à mulher negra contemporaneidade, ainda são impostos uma série de obstáculos sociais, derivados do preconceito e discriminação a eles impostos pelo princípio e práticas instituídas pela desigualdade racial. Pelos seus impactos na humanidade e direitos desses sujeitos precisam ser estudadas e analisadas para serem superados, Assim, os textos de Nilma Lino Gomes (2002, 2005, 2008), Stuart Hall (1992), Nelly Richard (1999), Osmar Moreira (2002) e outros pesquisados que se debruçam sobre a negritude tem sido de extrema importância na reflexão do tema.

Objetivando imprimir à pesquisa um rigor metodológico, defino-a como sendo de natureza qualitativa com inspiração etnográfica, pois terá o ambiente social como sua fonte direta de dados, além de possuir um caráter descritivo e valorizar o significado que os seus colaboradores darão às coisas e às suas vidas. Para isso, o presente estudo utilizará o método (auto) biográfico da história de vida com ênfase nas narrativas memorialísticas das mulheres negras que farão parte da pesquisa, a saber: mãe de santo, mãe pequena e Yao.

Este método será de extrema importância para esta pesquisa porque esta se caracteriza por um compromisso com a história como processo de rememorar, na qual o sujeito revisita a sua vida. Dessa forma, é notório que o processo memorialístico é de suma importância para as reflexões implícitas nessa pesquisa. O método em questão permitirá a observação dos indivíduos por meio de uma articulação decididamente singular e complexa da dimensão cultural com contribuições substanciais na aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados.

Algo preponderante é o diálogo que o pesquisador deve estabelecer com os sujeitos da pesquisa, interrogando-os e, ao mesmo tempo, se deixando interrogar por suas narrações, por suas vidas, numa perspectiva de escuta sensível.

Contudo, para que haja efetivação faz-se necessário uma esteira teórica, usaremos a pesquisa bibliográfica a partir de leituras voltadas para uma epistemologia que elucide e discuta teórico e conceitualmente as noções de identidade cultural, sociologia do corpo, construção de gênero, relações etnicorracial e Candomblé Angola que poderão contribuir para a análise dos dados coletados.

No que diz respeito a coleta de dados, será feita a partir do uso de narrativas de vida das mulheres negras do Centro de Giro, observação das mulheres dentro e fora do espaço religioso, além de outras fontes de interlocução e informação que se nos apresentem no percurso dessa investigação que poderão possibilitar uma maior visão do objeto de estudo que é: os saberes do Candomblé Angola nas construções identitárias da mulher negra de Teodoro Sampaio e apropriação desses saberes nas reinvenções do cotidiano.

Saliento que, possivelmente, me apropriarei de outra técnica de coleta de dados, o ateliê autobiográfico onde tematizarei o corpo. Nesses encontros as mulheres terão oportunidade de ouvir as histórias de si e das suas companheiras de axé a partir das narrativas dos próprios corpos; além disso, falarão dos seus saberes, do seu encontro nas histórias e dos seus ancestrais e desta forma, construirão suas narrativas autobiográficas.

Nesses encontros que recebem o nome de ateliês biográficos de projetos, as colaboradoras irão construindo textos orais e escritos até que possam elaborar a sua narrativa autobiográfica, visto que a partir das escritas de suas histórias, elas refletirão sobre si.

Contudo, faz-se necessário dizer que as histórias de vida da pesquisa começam com a revisão da minha própria história. Visto que, como pesquisadora-pessoa², apareço de maneira muito evidente em toda pesquisa, expondo minha singularidade enquanto escritora, mas mantendo uma certa distância dos sujeitos da pesquisa. Enfim, para consecução do trabalho o campo de pesquisa será no Centro de Giro Caboclo Boiadeiro situado à rua J.J Seabra (alto de Dez Réis), localizada no município de Teodoro Sampaio/BA.

Traçarei a seguir um desenho dos passos iniciais da pesquisa: a) apresentação do projeto à Mãe de Santo do Centro de Giro Caboclo Boiadeiro; b) mapear as mulheres do terreiro e escolher as que farão parte da pesquisa; c) marcar encontros individuais para conversas, bate-papos, entrevistas

² Expressão usada pela Professora Mestre Áurea Pereira

de caráter exploratório; c) tomar conhecimento dos documentos e fotos do Centro; d) conhecer a vida cotidiana dessas mulheres nos espaços da comunidade (trabalho, associação, posto médico, residência, família, amigos, trabalho, lanchonetes, mercearias e etc); registro fotográfico e fílmico; e) registros das festas no Centro, observando e descrevendo os eventos e práticas corpóreas, bem como suas funções hierárquicas; f) organizar um grupo focal para construir um ateliê (auto)biográfico; g) realizar entrevistas narrativas com as mulheres; h) textualizar as entrevistas narrativas, biografizando-as; i) marcar encontros para leitura das narrativas (auto)biográficas; j) registros dos comentários das narrativas no processo de interlocução.

Portanto, a presente pesquisa se localiza muito intimamente com a proposta do Mestrado em Crítica Cultural, pois consegue trazer para cena grupos historicamente relegados, silenciados pelas estratégias hegemônicas que impõem a invisibilidade. Além de se alinhar com a linha 3 Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida que permite ouvir as vozes a partir dos textos de vida.

REFERÊNCIAS

- BALIBAR, Etienne. *A Forma Nação: história e ideologia*. 1990.
- BRETON, David Le. *A Sociologia do Corpo*. 2 ed. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. *A Identidade na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Editora DP&A, 1992.
- JOSSO, Marie-Christine. *Abordagem Biográfica em Situações Educativas: formação de si*. Presente! Revista de Educação: jun/ago.2007.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão. In. *Educação anti-racista. Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez 2002.
- RICHARD, Nelly. Políticas da Memória e Técnicas do Esquecimento. In: MIRANDA, Wander Melo (Org). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, v. II, p. 139-144.
- SOARES, Angélica. Memória poética feminina: hierarquias em questão. In. RAMALHO, Christina. (Org). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 97-105.

O ESTRANHO E A DESUMANIZAÇÃO EM ANTÔNIO CARLOS VIANA

Daisy Souza de Almeida (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

Resumo: à luz das teorias de Freud e de Bauman em torno do afeto do estranhamento e dos processos de produção e anulação do estranho, respectivamente, este estudo investiga as relações entre o estranho e a desumanização, tomando como referência sua tematização na obra do escritor sergipano Antônio Carlos Viana. A leitura da desumanização será instrumentalizada pelas teorias do filósofo Giorgio Agamben em torno da *singularidade qualquer*. O instrumento utilizado para esta leitura é a Crítica Cultural, pois ela parte de um princípio contra-hegemônico, possibilitando o desmonte dos sentidos discriminatórios atribuídos às categorias minoritárias, além de auxiliar na reflexão sobre as implicações políticas das construções discursivas na subjetivação do estranho.

Palavras-chave: Desumanização. Estranho. Pertencimento.

Na obra “O Meio do Mundo e Outros Contos”, da literatura vianiana, personagens excluídas, que sofrem uma série de humilhações em decorrência dos seus aspectos físicos e psicológicos, convivem no mesmo ambiente com personagens completamente impiedosas, que, no entanto, não sofrem nenhum julgamento moral por conta desta característica. Ou seja, enquanto a categoria das personagens oprimidas ocupa um não-lugar em relação à ordem estabelecida no contexto dos contos, as personagens desumanizadas, que também são estranhas ao padrão comportamental de todas as outras personagens, desfrutam livremente dos seus desejos mais espúrios. Considerando essas duas vertentes de representação do estranho em Antonio Carlos Viana, este estudo reflete sobre as relações entre o estranho e a desumanização.

Mestre em teoria literária e doutor em literatura comparada pela Universidade de Nice, na França, Antonio Carlos Viana conquistou vários prêmios por suas publicações, como o Esso de Literatura de 1971, o concurso Nacional de Literatura promovido pela Associação Gaúcha de Escritores e pela Prefeitura Municipal de Garibaldi, em 1992 (BRITTO, 1999, p. 7), o Tobias Barreto de Aracaju, o APCA 2009 de melhor livro de contos por Cine privê, além de ter o conto “O Meio do Mundo” adaptado para o cinema pelo cineasta Marcus Vilar, que também conquistou prêmios por sua produção. A maioria dos seus contos foi reunida em três coletâneas: Brincar de manjã, de 1974, Em pleno castigo, de 1981, e O meio do mundo, de 1993 (*ibid.*, 1999 p. 7). Os contos que figuram neste estudo são “Nadinha”, “Herança”, “Tia Napalma, coitada”, “Vá, Deralda” e “Meu tio tão só”, pelo fato de apresentarem semelhantes contextos no que se refere à representação das personagens oprimidas e da desumanização.

O primeiro capítulo, intitulado “Sobre o Estranho”, faz um panorama do conceito de estranho, trazendo as perspectivas de Bauman e de Freud, em diálogo com as teorias de Stuart Hall e de

Roland Barthes. O problema que se coloca para o desenvolvimento deste capítulo, é referente aos procedimentos de naturalização dos sentidos hegemônicos impungidos ao estranho, tornando-se necessário observar se na obra vianiana existem traços de reprodução desses sentidos negativos ou se, ao contrário, existe uma ruptura com os processos de dominação.

O primeiro tópico deste capítulo evidencia as relações entre o estranho e a Crítica Cultural, trazendo a produção literária como possibilidade de alteração na ordem simbólica, a partir da resignificação de conceitos estabelecidos como verdades absolutas. Os conceitos de Barthes (2004) em torno do caráter gregário da linguagem possibilitam a reflexão sobre os papéis assumidos pela literatura no que se refere ao desmonte de conceitos naturalizados pelo senso-comum. A associação da Crítica Cultural à literatura para a leitura do estranho em Viana se dá pelo método híbrido descrito pelo estudioso Carlos Magno Gomes (2011). Em seu texto “Estudos Culturais e Crítica Literária”, o autor evidencia a problemática das análises voltadas apenas para a estrutura do texto ou para as abordagens puramente culturalistas, defendendo que esses dois métodos devem fazer parte da análise do texto literário, numa perspectiva interdisciplinar que vai além do “binarismo estética/cultura” (GOMES, 2011, p. 56).

O segundo tópico é inteiramente dedicado às teorias de Freud em torno do afeto do estranhamento. O estudioso acredita que o tema do estranho se relaciona “indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror [...] tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral”. Uma das questões que ele aborda em sua pesquisa se concentra em descobrir o que permite classificar como estranhas as coisas que estão no campo do amedrontador. Ele afirma que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar” (FREUD, 1974), procurando mostrar como é possível que o familiar se torne estranho e assustador. O estranho na obra de Antônio Carlos se relaciona com as teorias de Freud, porque tanto a estética, quanto as situações narradas em seus contos remetem para o familiar, e ao mesmo tempo a própria narrativa causa estranhamento.

Enquanto Freud se atém aos mecanismos do inconsciente para explicar o sentimento de estranhamento, Bauman segue uma linha sociológica para descrever como o estranho é produzido a partir da ordem criada pelo homem. O desejo de organização seria proveniente de um ideal de pureza, apontado por Bauman como a base que sustenta e define os lugares a serem ocupados por cada indivíduo. Segundo o estudioso, as características das coisas em si não as transformam em impuras, o que lhes confere esta condição é justamente a sua localização em lugares ordenados. Nessa linha de pensamento, os estranhos que passam por processos de opressão nos contos vianianos são produzidos pelo pertencimento, que gera a exclusão inevitavelmente. Os conceitos de

nacionalismo e de pertença apontados por Stuart Hall e por Giorgio Agamben, respectivamente, dialogam com as teorias de Bauman em torno da ordem e do conceito de “comunidade”, presente em sua obra de mesmo título. Tudo isso compõe o terceiro tópico deste capítulo.

“O Fetiche das Relações Pessoais” finaliza o primeiro capítulo com a discussão sobre o capitalismo e o fetiche que inviabiliza outras concepções de estranho. Para o desenvolvimento deste tópico, serão articuladas as teorias marxistas ao ideal de pureza presente em Bauman. Karl Marx (2002) explica o que seria o fetiche, numa perspectiva política e econômica, evidenciando a organização social capitalista que forja meios de ocultar a opressão e a dominação sofrida pela classe operária, dissimulando uma igualdade de direitos que não existe, para criar um imaginário propício à manutenção das formas de controle. O fetiche das relações pessoais imputa ao desejo as marcas de um ideal de belo e puro que exclui toda forma de disparidade e sustenta a coisificação do ser humano pelo mercado capitalista, quando este tenta homogeneizar as categorias sociais para possibilitar maior controle sobre o desejo e assim conservar os parâmetros opressivos da exploração capitalista. A literatura e as manifestações artísticas de modo geral se dispõem dentro do desejo enraizado pelo fetiche ou ocupam um não-lugar, quando transgridem o normalizado a ponto de escapar à reprodutibilidade.

O segundo capítulo, intitulado “Desumanização e liberdade pós-moderna” tem como foco central a reflexão sobre o sonho de liberdade na pós-modernidade e a desumanização como provável consequência do individualismo que tem sustentado esse desejo de ser livre. A problemática que se coloca, no entanto, faz referência à isenção de julgamentos morais experimentada pelas personagens desumanizadas na literatura vianana. Partindo do pressuposto de que obter a tão sonhada liberdade acarreta em uma série de consequências, seja porque experimentar de todos os desejos pressupõe a supressão da liberdade do outro ou porque usufruir da liberdade na pós-modernidade significa igualmente assumir uma suposta essência forjada pelo mercado capitalista, como conceber personagens que, ao que tudo indica, são livres das essências impostas? Desse modo, este capítulo aborda o conceito de liberdade na pós-modernidade, associado à aparente subversão dos valores morais, empreendida pelas personagens dos contos de Viana, como meio para questionar os essencialismos e a instituição de pertença.

O primeiro tópico, intitulado “Liberdade e a Lógica do Consumo”, apresenta as teorias de Bauman em torno do conceito de liberdade, descrito em sua obra “Modernidade Líquida”. Ao instituir a ordem, a modernidade propôs a troca da liberdade pela segurança de pertencer a uma comunidade. Na modernidade líquida, a liberdade torna-se uma essência imposta pelo mercado, em que o alcance da felicidade pressupõe a liberdade de consumo. As personagens desumanizadas da

obra vianiana se relacionam inversamente ao modelo capitalista, pois elas estão fora do fetiche responsável pela produção de consumidores ativos, pelo fato de viverem em condições precárias de sobrevivência.

À luz das teorias de Giorgio Agamben, o segundo tópico deste capítulo, intitulado “Singularidade Qualquer”, aborda a problemática da identificação, trazendo a *singularidade qualquer* como perspectiva para a total contraposição às imposições do pertencimento. A singularidade que o *ser qualquer* emana contém “algo que remete para a vontade, estabelece uma relação original com o desejo” (Agamben, 1993, p. 11). Quando as personagens do Viana colocam em prática toda a sua possibilidade de liberdade, simbolicamente elas se contrapõem aos enquadramentos forjados pela condição de pertença.

“A Alegria do Limbo”, terceiro tópico deste capítulo, traz as teorias de Agamben em torno do questionamento aos procedimentos de identificação. O lugar de intermédio característico do limbo é a não identificação de condenados ou de eleitos, ou seja, simbolicamente o limbo indica a problemática de todo processo de identificação: a redução da singularidade a classificações e enquadramentos forjados prioritariamente pelo “não-pertence”, pela exclusão de tudo que destoa. O limbo em Agamben é, portanto, a transvaloração completa da própria ideia de lugar. Seguindo esta lógica, as personagens desumanizadas na obra vianiana estão no limbo descrito por Agamben, pois à revelia de um ideal de comportamento padronizado por vias das pressões culturais, as personagens incompassivas do Viana gozam de todas as suas propriedades, são “a sua própria possibilidade”. Elas não podem ser salvas e experimentam de todos os seus sentimentos, mesmo daqueles repelidos pela moral, em que a existência prevalece sobre a ideia utópica de essência.

A ordem, o pertencimento e a liberdade responsáveis pela produção dos estranhos, neste estudo são questionadas através da aparição da desumanização em Antônio Carlos Viana. Se às personagens desumanizadas podem ser atribuídos incontáveis atributos negativos, este não é exatamente o questionamento aqui proposto. Interessa pensar o poder político da amorfia, colocada em foco através das ações e pensamentos das narradoras dos contos vianianos, e o não enquadramento numa série enquanto caminhos possíveis para perturbar a normatização responsável por manter harmonioso o funcionamento dos moldes capitalistas de controle do ser. Desse modo, o *ser qualquer* desenvolvido pela teoria agambeniana representa a possibilidade de não fixação em modelos previamente programados para a satisfação da vida em comum estabelecida sob parâmetros opressores.

Partindo desses pressupostos, o objetivo central deste estudo é perceber como funciona e como podem ser desmontados os dispositivos da naturalização dos sentidos negativos fixados ao

estranho. Para tanto, será necessário expor os elementos linguísticos para demonstrar como (ou se) ocorre a naturalização dos sentidos hegemônicos impungidos ao estranho na obra vianiana, bem como perceber os poderes da linguagem nas representações literárias quanto às conformações e transgressões do instituído. Nesse sentido, se faz necessário, também, evidenciar os elementos básicos que compõem os processos de consolidação da dominação e da segregação, levando em conta as influências do capital. Tudo isso requer uma cuidadosa observação das formas como operam os processos simbólicos e como contribuem para regimes de opressão nos processos de subjetivação do estranho.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Editora Presença: Lisboa, 1993.
- BARTHES, Roland. *A Aula: aula inaugural da cadeira da semiologia literaria do Colégio de França: pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: ed Cultrix, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BRITTO, Paulo Henriques. Apresentação. In: VIANA, Antonio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 7-10.
- CANCLINI, Nestor García. Das Utopias ao Mercado. In: *Culturas Híbridas*. São Paulo, EDUSP, 3 ed., 2000.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: *A Invenção do cotidiano*. Editora Vozes: Petrópolis, 1990.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. Imago, Rio de Janeiro, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. *O Estranho*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.
- GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In: *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOMES, Carlos Magno. *Estudos Culturais e Crítica Literária*. Revista Anpoll, v. 1, n. 30, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio*. Editora Ática, 1997.
- MARX, K; ENGELS, F. *Ideologia Alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SEDELMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, César; OTTE, Georg. *O Comum e a Experiência da Linguagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIANA, Antonio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 38-42.

A VONTADE DE CRIAR EM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO BÁSICA: CADERNOS DE LITERATURA

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

INTRODUÇÃO

O que o estudante faz com a literatura? Essa questão levou-nos aos desmontes literários ocorridos em uma escola pública do interior da Bahia que desde 2007 iniciou os registros da desconstrução do signo literário através dos múltiplos sentidos a ele atribuído ao passar de um signo para outro. O método foi aderido em 2009 por uma escola da rede particular, no município de Iaçú, resultando também em registros através de cadernos literários. Tais publicações compõem o corpus dessa pesquisa de Mestrado em Crítica Cultural, linha Margens da Literatura, orientada pelo professor Dr. Osmar Moreira Santos, com a hipótese: “seria a vontade de potência dos estudantes em assimilar e desmontar a literatura uma questão de afirmação de identidade ou negação da literatura imposta?”

Para análise de dados foram criados dois grupos para identificar as produções atribuídas ao Ensino Médio e Fundamental nas respectivas revistas. O recorte foi dado para as produções com foco na literatura desmontada, sendo o grupo “A” representado pelos estudantes artistas que ajudaram a construir a *Perfil: revista literária do Lauro Farani (2007-2011)* e o grupo “B” pelos artistas dos desmontes nos cadernos literários: *A Dinâmica em nossa vida (2009-2010)*.

Através da teoria da intersemiose (Barthes, 2001), ou seja, o jogo dos signos pelo qual se dá o abraço da literatura na desconstrução linguística, os saberes circulam, mostra-se então, o significado como uma arte de criar na qual os estudantes são os artistas. Abre-se um leque para as possibilidades de significantes, uma vez que a produção literária desmontada recebe novas conotações e desdobramentos através de charges, cartuns, bilhetes, cartas, cartazes, grafites, tiras, histórias em quadrinhos entre outros.

Além das contribuições de Roland Barthes, contamos com Santos, Deleuze e Guattari, Derrida, Certeau e Foucault, teóricos basilares desse trabalho. Para a construção da dissertação seguiremos o sumário:

1 O Ensino da literatura na Educação básica e a teoria da intersemiose: contribuições de Roland Barthes que modificam o cenário cotidiano

1.1 A literatura nossa de cada dia (texto literário, livro didático e PCNs)

1.2 Roland Barthes e a teoria da intersemiose (percursos e teoria)

¹ Mestranda em Crítica Cultural/ Instituto de Letras-UNEB Campus II.

1.3 Literatura rizomática: reparação simbólica do cotidiano literário. (as táticas, crítica cultural e a recepção)

2 Estudantes-artistas em busca de uma literatura menor: entre a vontade de potência e a cartografia do desejo para afirmação de identidade através do método do desmonte.

2.1 Artistas subalternos em cena: desmonte de texto literário em Ensino Médio

2.2 Entre as táticas e intersemiose

2.3 A vontade de potência no Ensino Fundamental

2.4 A literatura-arte como empoderamento de estudantes-artistas.

3 Cartografia da criação em Educação Básica e seus desdobramentos: a política e a cultura nos cadernos literários

3.1 Desmontando a literatura, eis um periódico literário! (Revista Perfil e A Dinâmica em nossa vida)

3.2 Laços culturais e enlaces artísticos e políticos nas produções criativas

3.3 Modos de produção

3.4 De volta à literatura

3.5 O lugar da crítica cultural seguido das conclusões e referências

1 O ENSINO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A TEORIA DA INTERSEMIOSE: CONTRIBUIÇÕES DE ROLAND BARTHES QUE MODIFICAM O CENÁRIO COTIDIANO

Assim que é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Barthes, 2001

Inegavelmente, vivemos em um estado de exceção, com isso há uma necessidade de combater os “dispositivos”² capazes de engessar o indivíduo. A literatura pode ser o instrumento político de reparação e de mudança. Mas, como ensinar literatura sem conseguir despertar no outro o gosto pela leitura? Como gostar da leitura se muitas escolas de educação básica continuam sem priorizar espaços de apresentação, prazer e aquisição da obra literária? A carência de bibliotecas ou pontos de

² AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

leituras parece ser proporcional a de leitores, no entanto cabe ao professor de literatura criar mecanismos para incentivar a formação desses leitores.

O ensino da literatura, infelizmente, continua preso aos manuais didáticos, as propostas curriculares fechadas, pois os poucos recursos disponíveis para implementação de propostas de leituras não atendem a demanda. Se permanecermos aprisionados a uma literatura que não desperta a atenção, o prazer da leitura se esvai. Não foi por acaso que estudantes e professores de educação básica criaram as “linhas de fugas”³ para escapar desses aprisionamentos. Afinal, que literatura ou cultura precisa ser defendida nas instituições de ensino? Como criar uma política cultural autônoma sem desconsiderar os manuais didáticos?

Falar da literatura automaticamente remete-nos a uma linguagem conotativa, livre, fora desse poder. Liberdade essa, dada aos leitores ao fazer uso das três forças literárias, segundo Barthes (2001): *mathesis*, *mimesis* e a *semiosis*. Aqui, a *semiosis* terá maior espaço. Porque é essa força de liberdade que oportuniza a multiplicidade de sentidos, fazendo-nos apropriar da fala de Santos⁴ “os nomes não nascem grudados com as coisas.” Então, suscetíveis a mudança, desconstrução, desmonte. E nesta seção, a ênfase é para os teóricos que sustentam a pesquisa. Para Barthes,

Os signos de que a língua é feita, só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; signo é seguidor, gregário em cada signo dorme esse monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua.

Ainda Barthes,

[...] literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por outro lado, ele permite designar saberes possíveis _ insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa... ela encena a linguagem... a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita.⁵

A semiologia é a ciência dos signos que recolhe o impuro da língua, o refugio da linguagem, por ela proporcionar a desconstrução linguística (Barthes). Michel Foucault (1996) é pertinente em afirmar que não se deve ter medo de começar, investir na mudança, porque a instituição já tem um discurso pronto, um discurso que já está na ordem da lei, mas na interdição de um discurso que irá

³ DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

⁴ SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*. Salvador: VIII Enecult, 8 a 10 de ago 2012.

⁵ BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone _ Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 17-18.

revelar o grau de ligação com desejo e poder. No entanto, a semiologia para o desmonte de signo literário possibilitará a mudança de série revalorando e enriquecendo a linguagem literária.

Utilizar-se das táticas inventivas defendidas por Certeau (1998) como uma forma de reparar esse cotidiano literário, faz-se necessário “esvaziar os sentidos, combater o significado transcendental” (Derrida, 2001), mesmo porque, “nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento constitui-se a partir do rastro que existe nele” idem, p. 32

Por isso, com a desconstrução lingüística do signo literário estamos pensando numa cultura para a autonomia dos estudantes e numa escola que priorize a valorização da existência. E a literatura desconstruída pode funcionar para desmontar outros dispositivos. Assim, esta pesquisa pautada na crítica cultural, apropria-se das contribuições de Santos (2010) ao defender “uma cultura como máquina de guerra a favor de uma vida comunitária e seus modos de vida libertária”.

2 ESTUDANTES-ARTISTAS EM BUSCA DE UMA LITERATURA MENOR: ENTRE A VONTADE DE POTÊNCIA E A CARTOGRAFIA DO DESEJO PARA AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DO MÉTODO DO DESMONTE.

Possivelmente, apenas uma arte ou uma cultura tomada como máquina de guerra fez/faz/fará circular as forças ativas ou os elementos capazes de reengendrar um desconstrução efetiva tanto de uma ética de representação do corpo quanto dos discursos ou modos de representação de uma arte comprometida com os valores de uma cultura de dominação⁶

Nesta seção a ênfase será dada aos métodos utilizados pelos estudantes para desconstruir textos literários. Aqui, registrados como artistas subalternos que mudam a ordem do discurso literário, empoderaram-se através de táticas inventivas e mostram o outro lado da arte literária embasados nas teorias da intersemiose e do múltiplo. Como isso ocorre?

Todo e qualquer desmonte inicia-se com as possibilidades de leituras e interpretações oferecidas pelos manuais didáticos e biblioteca da escola, em seguida estende-se para sites visando ampliação dessas leituras. As primeiras iniciativas de desmontar a literatura eram dadas previamente o comando pelo professor. Transformando a aula de literatura em um laboratório de produção, na qual os estudantes levavam para casa o livro literário a ser desmontado, e na semana ou quinzena

⁶ SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: Quarteto, 2002.

seguinte traziam as sugestões, colocando em prática através de oficinas, geralmente ocorridas em dias de sábado.

Em círculo, eram socializadas as sugestões de desmontes, e os grupos iam sendo formados conforme a afinidade com o novo signo a ser apresentado. No entanto, cada vez mais estudantes e escola dispõem de recursos tecnológicos, e muitas pesquisas são feitas na própria sala de aula ou no laboratório de informática da própria instituição. Com isso a frequência em que os desmontes acontecem, não há necessidade de marcar aula complementar.

Todo o material gasto, nas oficinas, foi disponibilizado pelas instituições onde os desmontes aqui analisados ocorreram; com o grupo “A”, estudantes de Ensino Médio continuam ocorrendo. Conforme Bachelard (1996), é preciso investir na cultura experimental e derrubar os obstáculos sedimentados, combater o exercício da repetição. E com a desconstrução linguística não há repetição, mesmo porque cada grupo se empenha para apresentar o texto de forma inovadora sem fugir do foco narrativo.

Ao ler, interpretar, pesquisar, discutir e desmontar o texto literário os grupos de estudantes-artistas provocam deslocamentos, tanto no que se construiu sobre o texto literário quanto no ensino da literatura. Não resta dúvida que ao refletir sobre o que foi produzido, a pesquisa qualitativa passa pela abordagem da pesquisa-ação, segundo Barbier (2004), pois a pesquisa se dá com a efetiva participação de co-pesquisadores, estudantes da educação básica. Assim, essa literatura desmontada vem ganhando destaque, o grupo precursor foi uma turma de 2º. ano Ensino Médio e atualmente há um envolvimento muito grande de toda a escola, mesmo os mais resistentes, fazem desmontes às vezes sem perceber.

Assim, muito útil a afirmação de Deleuze e Guattari (1977) “A literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.” E essa minoria, que iniciou em 2007, desmontando o livro de Dom Casmurro de Machado de Assis, conseguiu além dos resumos, mas fazer com que toda a escola conhecesse Dom Casmurro através de charges, entrevistas, horóscopo, tira humorística e história em quadrinhos, anúncios criativos entre outros. O resultado desse trabalho tem muito a ver com o que Nietzsche (2010) defende “Toda significação é vontade de potencia... vontade de potência é um apetite insaciável de manifestar a potência”.

Foram analisadas quatro edições da revista *Perfil* produzida pelo grupo A e duas edições dos cadernos literários *A Dinâmica em nossa vida*, produzidos pelo grupo B. Primou-se pelas produções com foco na literatura desmontada, no entanto para a realização da pesquisa foram estudados também dois livros didáticos de língua portuguesa (v.3) utilizados na U.E nos períodos 2007-2011, marco temporal da pesquisa. E através de pesquisa investigativas com os co-pesquisadores

(estudantes de ensino médio) houve também uma busca nas bibliotecas para coleta de títulos sugeridos nos referidos manuais.

Vale ressaltar que os grupos “A” e “B” fazem desses desmontes um dever constante, pois a cada apresentação de um texto transmutado em charge, cartum ou carta etc não se encerra nela mesma. A nova série é mais uma forma de repensar o que foi feito e desfeito ao longo dos anos. Uma prática metodológica que dialoga com a crítica cultural e estes estudantes subalternos, antes invisibilizados pelo sistema, cada vez mais mostram que é possível dessacralizar a linguagem literária.

A terceira parte, trata-se das interpretações e retorno à literatura das produções publicadas e apresentadas ao longo do texto dissertativo, bem como a recepção da pesquisa em diferentes espaços acadêmicos. Porém essa etapa está sendo escrita e será apresentada em outro momento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 17-18.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. 3 ed. Trad. Epharim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GALLO, Silvio. O professor-artista: educação de si e revolução molecular. In: SANTOS, Cosme Batista; GARCIA, Paulo Cezar Souza; SEIDEL, Roberto Henrique. (orgs) *Crítica Cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 15-27.
- NIETZSCHE, F. W. *Vontade de potência I*. Trad. Antônio Carlos Braga; Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010. p. 414.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: Quarteto, 2002.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*. Salvador: VIII Enecult, 8-10 de ago 2012.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estranha ideia de reparação. In: *Heterotopia: reparações-dramatizando ordens de despejo linguístico, cultural e territorial*. Universidade do Estado da Bahia; Alagoinhas, Campus II, Ano 3, n 4, dez /2011. p. 2.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DO XAXADO: AS IMAGENS DE UMA LITERATURA

MENOR

Elizia de Souza Alcântara (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Roberto Henrique Seidel

Em que medida, o anteprojeto elaborado para a seleção do mestrado em Crítica Cultural pode ser considerado um “texto-imagem do mundo”? O que é um “texto rizoma” para os mestrandos? Como operar com as trilhas rizomáticas no campo crítica cultural?

Perguntar, problematizar, questionar: eis o primeiro passo para quem deseja se tornar um crítico cultural. E para isso, é importante deslocar os conceitos e valores que nos cercam, tão impregnados em nossas relações sociais, dicotômicos, pautados em representações arbitrárias e convencionais. Nesse caso, o “texto-imagem” do mundo – construção humana -, corresponde ao reflexo de uma realidade fixa e unitária, em que o signo é percebido como algo fechado, mero decalque de formas, corpos e imagens.

Segundo Bachelard, em *A noção de obstáculo epistemológico* (1996, p.18) “para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído”. Sob essa perspectiva, o ato de conhecer não pode ser concebido como um processo natural, ingênuo marcado por “verdades” indiscutíveis e destituído de poder. Cabe sim, desnaturalizar todo tipo de opinião, os binarismos, a normatividade, as ideias mais comuns. Dessa forma, o homem ressignifica a recepção do conhecimento e por sua vez, reposiciona o seu lugar no mundo a partir do momento em que engendra novas formas de viver, de reagir, de criar. É o texto rizoma que se aloja.

Nesse sentido, reavaliar a construção do anteprojeto após os estudos realizados durante o primeiro semestre nas disciplinas do nosso curso é viver um momento de total deslocamento. Tal desarticulação se deve ao fato de não termos, antes da seleção para o mestrado, um aparato teórico capaz de nos instrumentalizarmos para as análises e discussões em torno do que é operar conhecimento a partir da visão dos Estudos Culturais e mais especificamente, das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural.

Por conta disso, ao relermos o nosso anteprojeto temos a “sensação” de que ainda somos meros reprodutores de uma visão natural e tradicional dos fatos. Assim, à medida que desbravamos os novos territórios do conhecimento, chegamos a uma contundente conclusão: é necessário desmontar saberes prontos e cristalizados. Instaura-se nesse percurso, uma verdadeira revolução do pensamento.

Vejam como se processou essa revolução na minha pesquisa. Primeiramente, é importante ressaltar que a relação com o meu objeto de estudo se deu no curso de Especialização em Estudos Literários, na UNEB (1998-2000). Nesse período, a minha pesquisa intitulada “Charge e Sátira: por uma pedagogia da imagem política apresentava como corpus, os poemas satíricos de Gregório de Matos e as charges do cartunista Ziraldo.”

Inquieta para retornar ao ambiente acadêmico, com “sede” de novos conhecimentos e comprometida com os meus projetos de vida, decidi prestar a seleção para o mestrado em Crítica Cultural. Diferente de algumas pessoas, não tive dúvida quanto ao meu objeto de pesquisa. Mantive-me transitando pelo texto imagético, agora na direção das histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado, do quadrinista baiano Antonio Cedraz.

Para a elaboração do anteprojeto de pesquisa, a minha experiência como aluna especial na disciplina Literatura, Cultura e Modos de Produção sob a orientação das professoras Jailma Pedreira e Maria Anória de Jesus foi extremamente significativa para nortear o caminho a seguir.

Quanto ao problema da minha pesquisa, ele ficou assim organizado: Até que ponto as histórias em quadrinhos podem ser consideradas uma literatura menor, instituída de voz, com um corpo de saberes e capaz de potencializar a vida?

Definido o problema, eis que surgiram uma série de dúvidas e questionamentos perceptíveis no anteprojeto, como: é viável realizar um estudo comparativo entre os “grandes clássicos da literatura, canonizados e nomeados como parâmetro de elitização do saber estético cultural e as histórias em quadrinhos, ainda considerada uma linguagem subalterna? Por que as histórias em quadrinhos não ganham visibilidade no ambiente escolar? Em que se sustenta o olhar excludente de alguns professores em utilizar as histórias em quadrinhos nas propostas pedagógicas?

Em meio a tantas perguntas, o anteprojeto foi concluído. Mas de que forma, ele foi repensado dentro da perspectiva da Crítica Cultural? Como o suporte teórico das disciplinas do primeiro semestre contribuiu para “desmontar” o que parecia estar “firme”?

O percurso de desmontagem veio como um grande desafio para os mestrandos. O contato com uma caixa de ferramenta enriquecida de operadores como: desconstruir, rizoma, inconsciente, mapa, platôs, dispositivos, máquina de guerra, estética da existência, política da amizade, despejos, ruptura, *différance*, ontológico, etc nos fez romper com noções cristalizadas ao longo da nossa vida. Com isso, o que antes era concebido como um pensamento linear, fixo, etc passou a ser visto como múltiplas entradas, operando com descentramentos sobre as relações dicotômicas e metafísicas. Trata-se de ativar o conhecimento como um mapa aberto, conectável em todas as dimensões,

desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente, segundo as posições de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Rizoma* (1995).

É válido explicitar que a busca por um método rizomático requer de nós, mestrandos, um reposicionamento frente à produção do conhecimento. Isto implica em construir “linhas de fuga”, ou seja, romper com a essencialização das coisas, desconfiar da linearidade dos acontecimentos históricos, reverter os modelos da realidade natural e espiritual. Enfim, é identificar que nas cadeias semióticas entre o cruzamento do real e o imaginário, percebe-se uma outra conexão, um entre-lugar: o inconsciente.

Dessa forma, ao escolher o discurso das histórias em quadrinhos como o meu objeto de estudo, não pretendia em investigá-lo no âmbito das práticas escolares. O desejo era de avançar na análise sustentando a proposição de que o texto quadrinizado é um signo estético-político-cultural e traz, no jogo combinatório entre imagens e palavras, narrativas permeadas de relações de poder, conflitos sociais, mecanismos políticos de exclusão e que necessitam ser interrogadas. Seria o quadrinista Antonio Cedraz um contemporâneo? O que é ser contemporâneo? Agamben afirma:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (2009, p. 58).

Partindo da ideia de que ser contemporâneo é romper com a concepção de linearidade histórica, tencionando os modos de representação hegemônicos instalados nas diversas dinâmicas sociais, e percebendo que as histórias em quadrinhos dramatizam múltiplas histórias, o problema da minha pesquisa foi reposicionado da seguinte forma:

Em que medida as histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado (des)montam os dispositivos de poder engendrados na “História Oficial”? Partindo desse pressuposto, o corpus da pesquisa também foi alterado. Para a análise documental serão definidas algumas revistas da coleção Histórias da Bahia, dentre elas “Pelourinho, patrimônio da humanidade”.

Linda Hutcheon (1991, p.173) declara que “tudo – desde os quadrinhos e os contos de fada até os almanaques e os jornais – fornece intertextos culturalmente importantes para a metaficção historiográfica”. Nesta proposta, as histórias narrativizadas pelos quadrinhos são legitimadas e reconhecidas como uma prática significativa de linguagem, capazes de inverter as repressões e silêncios sedimentados pelo conceito metafísico da história oficial.

Na contemporaneidade, a linguagem é o instrumento pelo qual questionamos a “representação” do conhecimento. Tanto as palavras quanto as imagens são locais de discurso.

Portanto, considerando a pluralidade de discursos, objetos e vozes que marcam as produções contemporâneas, nos defrontamos com a abertura de fronteiras textuais e com isso, deslocamos os territórios lingüístico-culturais mediante o desejo de “transgredir” os saberes instituídos arbitrariamente. Reinaldo Marques nos esclarece quando afirma que:

Os estudos literários, em particular os da literatura comparada, e os estudos culturais evidenciam o caráter fluido e esgarçado das fronteiras que delimitam os espaços disciplinares, que se apresentam não mais como territórios onde se fixar e enrijecer, dentro da lógica de um pensamento identitário substancialista, mas como territórios a serem atravessados, cruzados e rasurados por novos sujeitos do conhecimento (MARQUES, 1999, p. 67).

Em suma, como os mestrandos da Crítica Cultural podem se transformar em novos sujeitos do conhecimento? Gostaria de dizer que as discussões e análises realizadas no primeiro semestre do nosso curso foram verdadeiras metáforas de transformação. Instaurou-se em cada encontro, em cada disciplina, uma “revolução do pensamento”. Fomos convidados a refletir sobre o nosso papel enquanto pessoas, estudantes e pesquisadores e numa aventura um tanto quanto “perigosa”, “violenta” e “inquietante” frente às novas desconstruções, criamos a nossa própria “máquina de guerra”, aparelhada com um “devir” potencializador da vida, da arte, da cultura.

E nessa caminhada, celebraremos uma “estética da existência” em prol da cidadania, inclusão e liberdade. Nada está finalizado. Outras conexões serão produzidas. E o sistema está aberto para novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: J. Vrin, 1947. Trad. Estela dos Santos Abreu. In: *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-moderno*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limites críticos do comparatismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

FORMAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: DESAFIOS PARA O PERFIL PROFISSIONAL DE LETRAS

Evanildes Teixeira da Silva (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira

1 INTRODUÇÃO

De início, é importante sinalizar que essa pesquisa que tem o título provisório “Formação em políticas públicas culturais: desafios para o perfil profissional de Letras” surge a partir da pesquisa de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em que foi problematizado a cultura literária das egressas de Letras da UNEB/Campus II e seus desdobramentos na prática docente. Observou-se que o curso em questão tem avançado muito em suas atribuições, formando um profissional consciente do fazer pedagógico literário que instaura novos significados na superfície do texto literário, contudo supomos que se houver uma formação cultural mais consistente ele pode avançar ainda mais em suas atribuições.

Se a escola ainda se mantém fechada para a comunidade e questões culturais, se o descaso com o cultural na escola torna-se cada vez mais acentuado, se os egressos de Letras não sabem como lidar com as literaturas e mercados alternativos culturais e com a relação entre a política de Estado (políticas culturais) e a escola, pode-se desconfiar que esteja lhe faltando uma formação cultural mais abrangente para que possam construir, junto com a comunidade, um *front* cultural democrático que crie meios alternativos para fazer circular as produções literárias que ficam a margem da escola (inclusive as produções dos/as alunos/as, professores/as).

Nesse sentido, surge a seguinte problemática: de que formação cultural e política os Cursos de Letras precisam para ampliar o seu raio de atuação no campo das Letras e da cultura? Esse questionamento se desdobra em outros: seria a formação cultural e política a partir do literário e/ou de políticas públicas culturais, um fator fundamental para o desenvolvimento de um profissional de Letras bem instrumentalizado para lidar com as políticas culturais? Os estudantes de Letras estão sendo bem preparados para lidar com as políticas públicas para a leitura, literatura, o livro, a biblioteca, no contexto da institucionalização da malha cultural? Como trabalhar com a literatura e a cultura para que o estudante domine bem a noção de modos de produção cultural?

Partimos, portanto, da hipótese de que seria a formação em políticas públicas culturais um diferencial nos Cursos de Letras para fazer emergir novas práticas literárias e culturais na sala de aula e/ou fora dela, diante das mudanças na política cultural do Estado. Mas será que se trata apenas de

redimensionar os currículos de Letras para ter um profissional bem instrumentalizado para lidar com o cultural e o literário?

Segundo Marisa Lajolo (2013), os cursos de Letras na tentativa de resolver sua crise buscam a substituição e inclusão de disciplinas, na expectativa de oferecer aos egressos os “instrumentos necessários a um exercício mais eficiente do magistério de primeiro e segundo graus”. Contudo, afirma a autora que “A questão não é curricular. É estrutural. Nasce e desemboca na forma de inserção do curso de Letras na sociedade brasileira contemporânea”. Isso revela a complexidade que há na configuração dos cursos de Letras do país, o que requer também investigar o lugar dos cursos de Letras nas políticas científicas e do Estado.

Desse modo, apresentarei nesse “paper” uma imagem do projeto de pesquisa e das minhas inquietações após o estudo da disciplina: “Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural” do Mestrado em Crítica Cultural, que tem mobilizado noções teóricas que suscitam mais questões em torno da problemática da pesquisa.

2 CURSOS DE LETRAS: “UMA QUESTÃO ESTRUTURAL”

A linguagem é a maior invenção da humanidade. Todas as relações sociais e suas descobertas científicas, tecnológicas, só foram possíveis graças à capacidade humana de comunicar suas ideias, pensamentos, sentimentos e ações. Logo, os profissionais que lidam com a linguagem têm um campo vasto de atuação e prática teórica. Nossas relações não estão estagnadas, prontas e acabadas, pois somos produtores culturais, e diante das novas provocações do século XXI e das políticas culturais emergentes do país, faz-se necessário investigar acerca dos avanços e novos desafios que surgem na formação literária e cultural dos estudantes de Letras, inclusive as possibilidades ou não de ampliação do campo de atuação desses profissionais.

Sabe-se que no século XX, as descobertas linguísticas de Saussure do signo, associação entre o significante (imagem acústica e gráfica) e significado (conceito) e a sua arbitrariedade, um sistema linguístico estrutural, renovou o método de análise das demais ciências para se conhecer a natureza dos fatos. São vários os domínios que exploram o método estruturalista de maneiras diversas. Em Deleuze (1972) vimos dentre os critérios para se reconhecer o estruturalismo que o fator de diferenciador possibilita descobrir a natureza simbólica, que, por sua vez, não se reduz nem ao real e nem ao imaginário.

Então como identificar a “natureza simbólica” do curso de Letras? Que outra série epistemológica e profissional é possível criar nesses cursos para romper com as séries de

dominação? O autor mostra que o estudo estrutural na lógica da “casa vazia” encontra sempre condição para o movimento, o deslocamento de um lugar para outro, o que permite uma dobra, ou melhor, a criação de outra série.

Marisa Lajolo (2013) alerta que não há nos cursos de Letras configurações simples, estes passam por dilacerações entre “ser ou não ser”, pois existem as dicotomias que enredam a sua trajetória: formação de professor versus formação de pesquisador; estudos linguísticos versus estudos literários. Ao situar que os cursos de Letras no país foram implantados na década de trinta (8 décadas), aponta o descaso e o atraso do país no que tange ao estudo da cultura da linguagem. É um curso não só herdeiro das contradições dos estudos de “letras”, como disciplinas em currículos de outros cursos, mas também dos “despejos linguísticos e culturais” da colonização.

Silviano Santiago (2004) demonstra novos ares em Letras no contexto histórico pós-64 para quebrar a dicotomia entre a crítica literária versus crítica cultural. No final da década de 70 e início dos anos 80, a noção de Literatura que estava presa nos estudos estruturalistas, formalismo russo e nas *belles lettres* é desestabilizada. A literatura se torna uma dentre outras artes e as culturas que ficavam a margens da literatura passam a ganhar espaço na academia brasileira. Desse modo, evidencia o autor que não se trata mais de opor linguagem e sociedade, crítica literária e crítica cultural.

Conforme Moreira (2010) é essencial articular educação e cultura no sentido de criar nas escolas públicas um lugar permanente de debate e de agitação cultural. Ele ainda propõe um novo perfil profissiográfico dos estudantes dos cursos de Letras, Ciências Humanas e de Ciências Sociais Aplicadas de modo que as disciplinas Política Cultural, Gestão Cultural, Produção Cultural, dentre outras, façam parte da sua formação. Para que possam atuar também no campo da cultura diante da institucionalização da malha cultural no país.

Mas será que a formação cultural dos estudantes no que tange as literaturas e direitos culturais precisa da inserção de novas disciplinas como propõe Moreira? Os profissionais de Letras têm atuado com as questões que mobilizaram nas suas pesquisas discentes? De que formação cultural e política os discentes de Letras precisam para dinamizar suas práticas com o cultural e o literário? Os cursos de Letras tem estudado a relação entre a literatura e mercados alternativos culturais, literatura e tecnologia, literatura e sua relação com as políticas de Estado? Como o curso de Letras pode ou tem contribuído para a democratização cultural e reparação dos direitos culturais?

Entende-se por metafísica uma forma de pensar o mundo que pauta-se na essência das coisas, ou seja, num sentido transcendental, que por sua vez é reforçado secularmente, ampliando as desigualdades sociais e colocando sempre uma coisa em detrimento do outro. Derrida (2001)

reconhece que é difícil escapar do pensamento metafísico. Dessa maneira, busca através do descentramento a substituição do termo do centro para outro, invertendo a hierarquização de um sistema de oposições binárias do pensamento ocidental.

Conforme Derrida, “o *grama* como *différance* é, pois, uma estrutura e um movimento que não se deixam mais pensar a partir da oposição presença/ausência”. Uma vez que a diferença por ser um ponto não fixo abala as oposições binárias. Como nos diz o autor, “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos rastros de diferenças, do espaçamento, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros”. (ibidem, p. 33) Assim, torna possível o jogo dos descentramentos porque não se deixa reconduzir. Ao funcionar como um arquiconceito a *diferença* é composta de outros conceitos que implica no dentro e no fora, isto é, o centro pode estar em qualquer lugar e depois se horizontalizar.

Nessa perspectiva, o que poderíamos opor para fazer emergir outra coisa e horizontalizá-la no campo das Letras? Já vimos que não se trata mais de criar dicotomias linguístico/literário, pesquisador/professor, crítica literária/crítica cultural. Seria a oposição instituição/Letras ou Estado/Culturas linguísticas e literárias? Esse jogo das diferenças não pretende fazer emergir outro polo de dominação, mas abalar a dominação daquilo que tem impedido a potência de funcionar. A noção de *diferença*, de deslocamento, que abala a dominação do centro traz para cena às margens e nos permite pensar em outras possibilidades e alternativas para fazer emergir aquilo que estava sendo excluído.

São muitas as vozes excluídas da nossa sociedade brasileira, as minorias étnicas raciais, de gênero, sociais, dentre outras vozes silenciadas, inclusive, suas produções culturais e artísticas são escamoteadas. Essas noções teóricas nos faz perceber que é possível provocar abalos sísmicos nas práticas hegemônicas e logocêntricas, para que aquilo que estava de fora venha ocupar o seu espaço na sociedade, diminuindo as desigualdades e preconceitos sociais, ressignificando as nossas relações sociais e econômicas. Por exemplo, as vozes silenciadas (dos negro/a, ameríndios, pobres, homossexuais etc.) têm entrado no curso de Letras da UNEB de Alagoinhas nas pesquisas de docentes e discentes. Mas, de que modo esses estudos tem se desdobrado na prática pedagógica e cultural desses profissionais e nas suas comunidades? O que tem escapado na formação cultural dos estudantes de Letras? O que tem sido deixado de lado?

Se a questão da crise dos cursos de Letras no país não se trata meramente de redimensionar disciplinas, mas de também problematizar a estrutura dos cursos, sua “natureza simbólica”, então que procedimentos metodológicos utilizar?

3 MÉTODO EM MAPAS

Em *Rizoma* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), temos uma estratégia metodológica rizomática que se caracteriza principalmente por “não ter começo nem fim”, pois atua pelo meio, “não há centro e nem periferia” e “possui estruturas de passagens” concebidas apenas de desvios e atalhos. O rizoma consiste em linhas de fugas que mudam de natureza, se metamorfoseia, e não se deixa reconduzir nem ao múltiplo e nem tampouco ao uno (metafísica). Desse modo, o rizoma não é decalque de conceitos, nem tampouco objeto de reprodução. Trata-se de um mapa aberto, que está sempre se desmontando, plenamente reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas.

O método rizomático se torna importante porque não permite cair na armadilha da dicotomia. Ele constrói uma espécie de mapas de localidades, tonando-se um campo aberto para experimentação. Por exemplo, na prática esse conceito nos ajuda a entender o funcionamento do texto, do mundo e das coisas. Nunca se deixa reconduzir ao uno, a totalidade, a lógica ocidental. Portanto, um conceito altamente produtivo porque mobiliza nossa visão periférica sobre as coisas, bem como a nossa capacidade de reagir ao inesperado.

Em suma, para os autores, o rizoma é um “sistema aberto”, para o qual atua como criações de redes. Essa noção nos faz circular por outros territórios, mobilizando conceitos de domínios diferentes e, assim, construir pensamentos que se desenvolvem a partir de multiplicidades. O que não tem relação alguma com as limitações discursivas das ciências que se esgotam em si mesmas, no fechamento do seu campo disciplinar. Sendo um método experimental, imprevisível e que permite sempre novos começos.

Carlos Guinsburg (1990) discute o método a partir do paradigma indiciário, diante do irracionalismo do século XIX e XX. Esse método consiste em passar do conhecido para o desconhecido, trazendo para cena aquilo que foi negligenciado. Trata-se de seguir os sintomas como no caso de Freud, indícios na perspectiva do personagem Sherlock Homes, e os signos pictóricos a partir de Morelli. Esse método interpretativo tem como foco os dados marginais, os vestígios, os resíduos, os quais permitem apreender uma realidade mais profunda. Esse estudo nos permite perceber que o pesquisador precisa de certas qualidades como faro, golpe de vista, intuição, um espírito investigativo e muita atenção para os sinais laterais, pois são nos resíduos que se encontram a chave para a compreensão das nossas relações humanas.

Desse modo, foi fundamental essa revisão teórica porque a Crítica Cultural, a qual se configura a partir dos textos elencados, dentre outros, não pretende ser uma ciência burguesa, desvinculada da realidade social, mas uma “ciência menor” que seja ao mesmo tempo prática teórica e ação direta. Por certo, os teóricos aqui mobilizados, apesar de suas nuances divergentes, nos permitem

entender que as convicções, as totalizações, a fixação dos conhecimentos são “cárceres”. Elas não só aprisionam a nossa “vontade de potência”, mas negligenciam as outras culturas, destroem as minorias sociais, subjulgam os corpos e mantém as assimetrias sociais e econômicas.

É válido explicitar que o método em mapas é completamente o oposto do decalque que aprisiona a produção do conhecimento. Ele implica numa experimentação a partir do real, o que nos leva a questionar primeiro a representação da realidade, para atingi-la em sua profundidade. Através de Derrida, por exemplo, vimos a relevância de opor um conceito ao outro. Já em Deleuze vimos que não se trata mais de fazer a dialetização, mas de por em movimento o conceito, no sentido de abrir conexões entre os campos, tendo como princípio o mapa, o qual é sempre remontável. Assim, me proponho a pensar em um método de trabalho que seja como um mapa, isto é, um campo aberto de experimentação e político.

Vejamos um breve rascunho desse mapa, que logo será desmontado:

Identificação das minhas marcas profundas no inconsciente;

Utilização do esquema/roteiro de estudo: o que discute? Argumentos? Referências? Estratégias metodológicas? Conclusão?

Criação de um sistema de atalhos e desvios para superar as dificuldades epistemológicas;

Não criar um mapa geral, mas conjuntos de mapas sempre remontáveis;

Transitar entre conceitos e campos, sem cair na armadilha da fetichização;

Levantamento de documentos, currículos, ementas, cartas e documentos pessoais (que tratem dos cursos de Letras e formação cultural);

Montagem de uma pasta com pesquisas sobre os cursos de Letras, formação cultural e políticas públicas culturais (Banco de tese da Capes);

Rastreamento dos trabalhos mais significativos dos estudantes e egressos de Letras, buscando identificar as brechas, os resíduos, as pistas deixadas que possibilite identificar a formação cultural do curso;

Aplicação de questionário para os/as egressos/as de Letras da UNEB/II para saber se mobilizam a pesquisa de TCC na prática discente;

Verificação junto aos estudantes, docentes e egressos de Letras da UNEB de Alagoinhas se há ou não atividades correlatas ao campo das Letras que poderiam integrar-se ao perfil desses profissionais, ampliando a sua área de atuação.

Articulação da “engenhosidade do signo” na obra *O Castelo dos Destinos Cruzados*, de Ítalo Calvino, como noção conceitual para questionar a noção de literatura dos ministérios (MinC e MEC);

Buscar sempre expandir o método: pistas, dados marginais, leitura de rodapé;

Sempre avaliar como estou pensando, pois na zona do conforto é impossível avançar.

Manter o sistema aberto...

4 CONSIDERAÇÕES...

Gostaria ainda de dizer que imaginamos outro modelo de escola/universidade que seja espaço de invenção. Uma escola/universidade que não se deixe reconduzir ao uno (metafísica), mas que ampliem suas redes com trocas de saberes acadêmicos e populares. Essa instituição que pensamos não está dissociada da comunidade. Ela está comprometida com todo o fazer cultural da sociedade: dimensão simbólica, cidadã e econômica.

O Plano Nacional de Cultura – PNC possui 53 metas para serem atingidas até 2020, dentre elas 23 de certa forma dizem respeito às políticas públicas culturais para o livro, a leitura, a literatura, a biblioteca. Por exemplo, a meta 20 diz respeito a “média de 4 livros lidos fora do aprendizado formal por ano, por cada brasileiro”; meta 22 espera “o aumento em 30% no número de municípios brasileiros com grupos em atividade nas áreas de teatro, dança, circo, música, artes visuais, literatura e artesanato”; e a meta 32 almeja que “100% dos municípios brasileiros com ao menos uma biblioteca pública em funcionamento”.

Mas o que pode acontecer se a sociedade civil não participar dos processos de implementação dessas políticas? Conforme Marilena Chauí (2009), as pessoas precisam inteirar-se sobre a responsabilidade do Estado e da sua participação na construção de uma cidadania cultural. É preciso entender que a democracia se realiza a partir da prática de participação. Isso implica numa formação cultural e política mais abrangente, inclusive, e de forma diferenciada, à escola e demais instituições de ensino para que todos se tornem agentes de mobilização cultural. De que modo o Estado está capacitando às pessoas para lidarem com as políticas culturais? Os cursos de Letras têm se aberto mais para discutir políticas públicas? De que formação cultural e política os estudantes de Letras precisam para saber como lidar com as políticas de editais, preenchimento de formulários, projetos culturais, enfim, a gestão cultural? É possível pensar em ampliar o campo de atuação dos profissionais de Letras para que possam atuar no campo cultural?

Como se podem notar, nesse primeiro semestre do Mestrado em Crítica Cultural, as minhas questões sobre o fazer cultural dos cursos de Letras se multiplicaram. Não sei se a inserção de disciplinas sobre políticas públicas culturais pode oferecer aos estudantes instrumentos para que possam atuar em novos campos de trabalhos com o cultural. Também não sei o que há na estrutura dos cursos de Letras que impede que ele avance mais em suas atribuições científicas e culturais. Só sei que o curso de Letras pode muito! A “tecnologia do signo”, a máquina literária, como nos diz Deleuze, é um “campo aberto para a pesquisa” e, acrescento, para a intervenção política e cultural.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 7-37.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *O Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, (s/d).
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 143-179.
- LAJOLO, Marisa. *No jardim das Letras, o pomo da discórdia*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html> > Acesso: 2 jun. 2013.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano Nacional de Cultura*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc->> Acesso: 5 jul. 2013.
- MOREIRA, Osmar. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB/ Quarteto, 2010.
- SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

O LUGAR DA ESCRITA NA TESSITURA LITERÁRIA DE MIA COUTO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE A CONFISSÃO DA LEOA

Gabriella Bernardo de Souza¹

Orientador: Prof. Paulo Garcia

O meu projeto de pesquisa foi inicialmente intitulado: (Re)escrevendo tradições: a escrita enquanto elemento de reinvenção da tradição africana na tessitura literária de Mia Couto, e buscava investigar o uso da escrita como elemento de reinvenção de tradições em algumas obras do autor moçambicano. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos desse primeiro semestre, muitas questões foram deslocadas e percebi que o foco principal da pesquisa recaía sobre a tematização da escrita e não sobre a tradição. Por isso, agora temos o título, ainda provisório: O Lugar da Escrita na tessitura literária de Mia Couto: uma análise do romance A confissão da leoa.

Alguns teóricos da Crítica Cultural foram importantes para esse processo de desconstrução e reconstrução da minha proposta de trabalho que encontra-se ainda em andamento. Derrida (2001) chama de fonocentrismo a ascendência da fala sobre a escrita, processo em que a escrita é tida como mera representação da fala, oposição que gera outra dualidade, da presença/ausência que implica ainda, a superioridade do presente sobre o passado, da natureza sobre a cultura. Tanto quanto a escrita, a fala obedece a um código preestabelecido que Derrida denomina arqui-escritura, código matriarcal abstrato que origina as diferenças geradoras do sentido, tanto na fala quanto na escrita.

Derrida possibilita a reflexão sobre qual é a posição ocupada pela escrita em sociedades que possuem fortes laços com a cultura oral, como é o caso daquelas que são retratadas nos romances de Couto, a partir de um trabalho literário que considera a dinâmica de vida das sociedades moçambicanas? Além desse questionamento, surgem outros como: Qual a posição da escrita de Couto, dentro do cenário literário? Qual a posição ocupada pelos escritores africanos de língua portuguesa na cena literária mundial?

Santiago (2000) nos faz refletir sobre o lugar da nossa cultura e da nossa literatura no campo crítico. Ele ressalta a importância de olharmos para nós mesmos, para as nossas fragilidades e tentar transformá-las em subsídios para a construção da nossa autonomia crítica. A literatura Africana de Língua Portuguesa ocupa ainda uma posição periférica em relação à literatura universal. Seus escritores buscam afirmar-se, a partir da inserção de elementos culturais de seus países, na escrita herdada do colonizador europeu. Nesse contexto, a literatura brasileira serviu de grande inspiração

¹ Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II.

para esse trabalho literário que se deixa invadir pela dinâmica do falar cotidiano e pela tematização de costumes e tradições de seus povos.

Para Santiago (2000) elementos ideológicos como a língua devem ser apropriados pelo colonizado, mas a partir de sua inversão, de sua transgressão. Para ele, o entre-lugar do discurso latino-americano se dá justamente entre a submissão ao código e a sua transgressão. O escritor se apropria do discurso europeu para subvertê-lo, transgredi-lo, alimentá-lo com o local, transformando-o em instrumento de voz da comunidade colonizada.

Como bem pontua Amarino Queiroz (2007), Couto a exemplo de outros escritores africanos de língua portuguesa, inscreve em seus textos, renovadas, dicções ancestrais, construindo através da ficção, novos olhares africanos sobre a África e sobre o mundo. Ele questiona, reinterpreta e até mesmo reinventa fatos da história oficial, trazendo à cena, a voz de esquecidos personagens. Como ressalta o próprio autor: “[...] Através de uma linguagem reinventada com a participação dos componentes culturais africanos também nós em Angola e Moçambique procurávamos uma arte em que os excluídos pudessem participar da invenção da sua história.” (COUTO, 2011, p. 114).

No trabalho literário de Mia Couto, a escrita, objeto de dominação europeia, se veste com os mecanismos da cultura oral africana, para ser voz do colonizado. Ao “contaminar” esse código com a cultura local, faz-se predominar o hibridismo. Esse conceito desenvolvido por Bhabha delimita a construção da cultura em condições de antagonismo ou desigualdade política, onde o híbrido promove um espaço de negociação. O hibridismo encontra sua voz em uma dialética que não busca a supremacia ou a soberania cultural.

John Beverley (1997) afirma que a literatura foi uma das instituições que os europeus trouxeram consigo, entre outras como o cristianismo. Diante disso, a literatura é para a América Latina, uma instituição colonial crucial para o desenvolvimento de uma cultura autônoma e posteriormente, de uma cultura nacional, assumindo pois um caráter ambíguo. Ela propõe-se a negar o europeu e afirmar o local, usando a língua herdada desse primeiro.

Nas sociedades onde a cultura oral coexiste com a cultura escrita, torna-se quase que impossível desvinculá-la do trabalho literário. Seus escritores refletem o contexto de multiplicidade cultural que o encontro de ambas proporciona, “[...] passando para a linguagem do papel traços do que se dá pela voz, o autor recria as façanhas da oralidade, reinstalando nas suas narrativas as surpresas que surgem da conversação diária [...]” (CANIATO, 2005, p. 100). Este trabalho literário é uma tentativa de manter-se em contato com a língua do falar cotidiano, introduzindo-a em seus discursos como elemento dinâmico da narrativa. Esta estruturação linguística subverte a estrutura da

linguagem, reinventando-a, conferindo uma particularidade a estes textos. Como diz Fonseca (1996), eles reconstróem os ruídos que podem ser silenciados pela escrita.

Em Moçambique, a escrita em língua portuguesa é um elemento ambíguo, que passou de arma de opressão do colonizador a instrumento de voz do colonizado e que enquanto arte literária se vê subjugada pelo prestígio da cultura oral ao mesmo tempo em que se apresenta como auxiliar para a perpetuação dos saberes outrora transmitidos apenas através da oralidade. Discussões sobre a escrita, o lugar da literatura e o papel do escritor são recorrentes nas obras do moçambicano Mia Couto.

Ao tematizar a escrita em suas obras, Couto busca uma conciliação entre as culturas escrita e oral, tentando chamar a atenção para o fato delas terem muito a contribuir uma com a outra e é também uma forma de legitimar o papel do escritor na sociedade moçambicana, fortemente marcada pelo respeito aos griôs e aos mais velhos, perpetuadores da cultura oral. Segundo Amarino Oliveira de Queiroz, griot é:

Vocábulo difundido a partir da África de colonização francesa, griot seria o termo genérico aplicado àqueles artistas especializados em perpetuar a memória cultural de suas coletividades recorrendo à história, à genealogia, à tradição e a um exercício performático que se apóia em manifestações diversas como o canto falado, a poesia, as narrativas orais, a encenação, a música, a mímica e a dança (QUEIROZ, 2007, p. 42).

Por isso, faz-se necessário refletir sobre a posição ocupada pela escrita e conseqüentemente, sobre o lugar ocupado pelo escritor em uma sociedade tradicionalmente oral. Para o desenvolvimento de tal pesquisa, pretende-se partir da análise do romance *A confissão da leoa*. Nesse livro, a escrita surge como um instrumento de voz dos sujeitos que são colocados à margem dentro de suas comunidades, além de apresenta-se contaminada pela poesia e pela cultura oral, porque o autor que não é ancestralmente ligado à tradição oral, busca promover uma legitimidade da cultura escrita, bem como, do escritor e da literatura na sociedade moçambicana. A escrita passa de instrumento de dominação colonial a veículo de voz do colonizado.

O livro *A confissão da leoa* conta a história da aldeia de Kulumani, que vivia ameaçada por ataques de leões. Ele é dividido em 16 partes, em que se intercalam a “Versão de Mariamar” e o “Diário do caçador”. A primeira narração é feminina e dá conta da visão local dos fatos, cheia de enigmas e crenças, além de denunciar os crimes e abusos cometidos contra as mulheres. Na segunda trama, temos um narrador masculino, consciente dos fatos, que escreve no intuito de tornar-se um escritor. As duas versões da história costuradas supostamente pelo narrador dos diários se complementam.

Além de Mariamar e do caçador Arcanjo Baleiro, há ainda a figura do escritor Gustavo, que acompanhava as caçadas de Arcanjo com o intuito de fazer a grande reportagem da captura e morte dos leões. Ele também escreve sobre o mistério dos leões de Kulumani, mas Couto escolhe como narradores de seu romance o caçador e a aldeã, como uma forma de conferir autenticidade ao seu relato. Por meio de seus narradores, ele confere voz ao povo moçambicano, a suposta autoridade do escritor é anulada em detrimento da fala daqueles que tem na escrita um refugio e um instrumento de voz, uma vez que Mariamar enquanto mulher jamais poderia ser uma narradora em sua aldeia e Arcanjo, pertencente a uma tradicional casta de caçadores até deveria dominar a arte de contar histórias, mas não deveria manejar uma caneta melhor do que manejava sua espingarda.

Inicialmente, penso como objetivos desse trabalho uma análise da referida obra, buscando compreender o lugar ocupado pela escrita na sociedade moçambicana, bem como, a posição do escritor diante de uma comunidade tradicionalmente oral, tentando mapear as estratégias narrativas utilizadas pelo autor.

A escrita aparece no referido romance como instrumento de voz daqueles que de alguma forma, são excluídos socialmente, da mesma forma, que os que a exercem são olhados sempre com desconfiança. Mariamar e Rolando são considerados loucos, o escritor é quase um estrangeiro em seu próprio país e arcanjo perde suas habilidades de caçador ao aprimora-se como narrador. Isso demonstra a posição marginal ocupada pela escrita na sociedade moçambicana, tradicionalmente dominada pela cultura oral.

Essas são as discussões iniciais dessa pesquisa de cunho bibliográfico, que pretende tecer discussões sobre a tematização da escrita na literatura tecida por Mia Couto com a língua europeia, mas sempre permeada por questões da terra, que fazem de sua escrita um terreno fértil para as questões que dizem respeito ao trabalho literário em solo africano.

REFERÊNCIAS

BEVERLEY, John. "Por Lacan": da literatura aos estudos culturais. *Travessia Revista de Literatura*. Florianópolis: UFSC, n. 29/30, ago 1994 /jul 1995, 1997. p. 11-42.

BHABA, Homi. O entrelugar das culturas. In: BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Eduardo Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CANIATO, Benilde Justo. *Percursos pela África e por Macau*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia. Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Maria N. *Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa*. Gragoatá. n. 1. Niterói: EDUFF, jul/dez 1996.

QUEIROZ; Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2007.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

VOZES FEMININAS DE ALAGOINHAS: MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI

Gislene Alves da Silva (Pós-Crítica/UNEB)

O trabalho que por ora intitulo *Vozes femininas de Alagoinhas: memória e escrita de si*, surge de discursões no processo de iniciação científica e por conseqüente o trabalho de conclusão de curso-TCC que verificou em coletâneas literárias sobre mulheres se existe um lugar para as escritoras consideradas subalternas, verificando também a existência destas em diversos locais, como Alagoinhas, e as formas de divulgação nestas da escrita de mulheres, principalmente escritoras ainda invisibilizadas. Assim como, buscamos identificar modos de produção de escritoras subalternas de Alagoinhas e região, refletindo sobre a dinâmica destes modos de produção, verificando quais os sentidos, dificuldades, demandas e perspectivas da mesma. Com isso, procuramos também refletir sobre as políticas públicas voltadas para a literatura de autoria feminina na cidade de Alagoinhas.

Assim ficou ressaltado que as escritoras mais subalternizadas são as que não fazem parte da região Sul e Sudeste, as que são negras, com baixo nível de escolaridade, pouco poder aquisitivo e sem grande ou nenhum reconhecimento, não podendo constar em coletâneas literárias que pretendiam abarcar as escritoras brasileiras. Ao notarmos as muitas dificuldades que as escritoras locais encontram no percurso, nos propomos a refletir sobre Políticas Públicas voltadas para a escrita feminina, na cidade de Alagoinhas e não percebemos nenhum apoio, em termos de políticas públicas, por parte da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer. Não encontramos, nas ações desta Secretaria, qualquer atividade voltada para a Literatura feminina, ou seja, não existe uma ação que abarque essas escritoras. Assim como as próprias instituições literárias da cidade, ALADA e CASPAL, não recebem nenhum tipo de apoio por parte da Secretaria de Cultura e, conseqüentemente, também realizam um apoio modesto, mas extremamente importante, junto a essas escritoras. São essas dificuldades, essa falta de apoio mais sistemático e continuado que talvez gere a ausência dessas escritoras em alguns cenários literários.

Considerando que algumas estratégias já foram criadas para se fazer visível no circuito o contra-discurso feminista, mas que estas ainda nos parecem ser insuficientes para uma pluralização da escrita e que o processo de silenciamento, neste caso, envolve gênero em suas inter-relações com marcadores como raça, classe, escolaridade e lugar.

Pensando nas escritoras que foram excluídas do cânone, por uma historiografia literária pautada em um cânone patriarcal, que eliminou as mulheres do cenário das letras; as coletâneas literárias de autoria feminina existiriam como uma forma de mecanismo contra a exclusão das mulheres na cena literária. Mas em que medida a escrita feminina está realmente se pluralizando? Quais mecanismos que são utilizados para a excluí-las desse contexto?

Nesse sentido, o que dizer das escritoras nordestinas, ou mais especificamente das escritoras de Alagoinhas e região? Assim, o que podemos encontrar quando fazemos uma investigação nos acervos literários dessas escritoras?

Assim torna-se imprescindível refletir sobre os fatores que ainda impedem a escrita feminina de se pluralizar, causando o arquivamento de trabalhos de escritoras locais, constituindo na falta de oportunidades para tirá-los desse lugar invisível.

Em 1929 Virginia Woolf já sinalizava a ausência das mulheres no cenário literário, ao visitar as bibliotecas à procura de escrita de mulheres. Percebe-se então que o homem falava por estas, a partir do momento em que os vários textos que se referiam as mulheres era escritos por homens. Desta forma a sociedade atestava uma “inferioridade mental, moral e física do gênero feminino” (DUARTE, 2011, p. 234). Mas o que se podia observa era que os homens não eram detentores dos talentos da escrita, mas sim dos meios para desenvolvê-la, como nos diz Constância Duarte (2011). Para a autora muitas escritoras que “ousaram” a publicar seus textos, estes se perderam nos arquivos ou não passaram da primeira edição. Para esta, as antologias constituídas a partir do trabalho de resgate dessas escritoras, torna-se a constituição de um novo arquivo.

Beauvoir (1980) nos lembra como a construção cultural, em oposição a uma perspectiva biologizante, atribuiu para a mulher um segundo lugar, uma imagem fixada de fragilidade, incapacidade e inferioridade.

Oitenta anos após Virginia Woolf escrever a obra *um teto todo seu*, e constatar a ausência das mulheres no cenário literário, percorro a cidade de Alagoinhas em bibliotecas públicas, Universidades estaduais e particulares, livrarias e espaços alternativos de venda de livros em busca de coletâneas literárias sobre mulheres com o objetivo de verificar o lugar da escritora subalterna nestas coletâneas e o que podemos notar, portanto, que está ocorrendo um processo de invisibilidade da escrita de mulheres na cidade de Alagoinhas no que diz respeito às coletâneas literárias específicas.

Percebemos que existe um apagamento da escrita feminina na cidade de Alagoinhas no que diz respeito às coletâneas literárias sobre mulher, pois não foi encontrada uma única obra. Diferentemente do que observei na pesquisa realizada nos *sites* na *internet* encontramos um total de vinte e seis obras e acreditamos que esse número seja ainda maior. Porém, mesmo estas encontradas, existem empecilhos para o acesso a essas obras, seja pelo seu esgotamento, pela indisponibilidade das mesmas nos *sites* de vendas e por vezes por conta de prazos de entregas muito longos e custos com despesas de frete, o que muitas vezes dobra o valor destas obras.

Apesar do pouco investimento contra a subalternização dessas escritoras, da falta de um investimento mais institucional, da falta de apoio, percebemos que as escritoras e escritores têm procurado meios de continuar produzindo e divulgando suas produções. A Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) existe nesse sentido e tem sobrevivido, resistido a esse descaso.

As escritoras de Alagoinhas continuam sendo apagadas por um mercado hegemônico, por uma cultura patriarcal e por uma visão de cultura e de literatura que se reflete na falta de importância atribuída para estas. Por conta disso, as escritoras produzem sem contar com políticas públicas e com um apoio mais sistematizado. Apesar disso, estas escritoras continuam produzindo, insistindo em falar-escrever, resistindo a este apagamento. Para tanto, contam com apoios de familiares na publicação que é toda arcada com dinheiro próprio e, no que diz respeito à divulgação, contam com parceiros como a Casa do Poeta, que funciona como uma estratégia de divulgação e solidificação de um mercado alternativo.

Nessa linha, fica clara a importância da mediação, de ações desenvolvidas, por exemplo, pela Universidade e, nesse sentido, a demanda pelo fortalecimento desta cooperação é fundamental. A demanda por políticas públicas, por ações conjuntas. Também fica clara a importância de se estudar, considerar os escritos femininos como expressão de uma cultura feminina que entrelaça literatura, vida e resistência, ou seja, a crença de que a literatura é potência.

Assim, também nos interessa a busca pelos escritos de autoria feminina de Alagoinhas, assim como sua presença na história literária e social da cidade, refletindo sobre essa relação entre a escrita e a memória das escritoras. Para que possamos pensar em novos arquivos e novas memórias.

E este tem sido o principal objetivo das estudiosas feministas do século XX dar visibilidade às mulheres que foram ocultadas, silenciadas e vastamente invisibilizadas como sujeito, e até mesmo como sujeitos produtores de conhecimentos. Podemos ver isso com mais clareza no texto *Tornar visível o invisível: um desafio feminista*, de Elódia Xavier (1999).

Xavier (1999) explana que, muitas pesquisadoras tem se preocupado com a revisão do cânone e nas suas pesquisas tendem a dar visibilidade a nomes de escritoras que ficaram esquecidos no tempo. Sendo assim, o objetivo do seu estudo é fazer um estudo em torno das escritoras do século XIX, nascidas e/ou criadas no Rio de Janeiro, fazendo levantamento biobibliográfico acompanhado de um conciso estudo crítico.

É nessa empreitada que muitas pesquisadoras e até pesquisadores tem procurado coletar escritoras, seus textos e agrupá-las em coletâneas para que sejam vistos, todos saibam de sua existência, passem a serem lidos e estudados em bibliotecas, escolas, universidades etc. Nesse

sentido, podemos entender os arquivos literários de mulheres como um movimento de visibilidade da escrita feminina, que nos leva a avaliar como tem sido feito a descentralização do cânone literário patriarcal. E que ao questionarmos a cultura hegemônica, estejamos estabelecendo uma nova história literária revelando a mulher como sujeito do discurso literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivã. A produção literária e cultural da Bahia e a voz da mulher. In: BRANDÃO, Izabel; ALVES, Ivã. (Org.). *Retratos à margem: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950)*. Maceió: EDUFAL/ CNPq, 2002. p. 381.

MACEDO, Marcia; PASSOS, Elizete (Org.). *Metamorfoses*. Salvador: NEIM/EDUFBA, 1998. Coleção Baianas, 3.

DUARTE, C. L. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas. História de uma história mal contada. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; et al. O discurso feminino possível: um século de Imprensa feminina em Pernambuco (1830 a 1930). In: GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REIS, Roberto. Cânon. In: José Luís Jobim (Org.). *Palavras da crítica – tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. Literatura confessional: o espaço autobiográfico. In: *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. 1999. p. 9-15

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 182-189.

SOARES, Angélica. Memória poética feminina: hierarquias em questão. In: RAMALHO, Christina.(Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 97-105.

SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia. Tornar visível o invisível: um desafio feminista. In: REIS, Livia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadete. (Org.). *Mulher e Literatura. VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

DONA FLOR E GABRIELA: UMA INVESTIGAÇÃO DA PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA ATRAVÉS DA CULINÁRIA E DA SEXUALIDADE

Leonardo Rodrigues Teixeira (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Profa. Dra. Jailma Pedreira dos Santos Moreira

1 INTRODUÇÃO

Ao escolher o Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na cidade de Alagoinhas, pensei em investigar como se projetou a imagem da mulher baiana/brasileira, a partir das obras amadianas: *Dona Flor e seus dois maridos*; *Gabriela, cravo e canela*; *Tereza Batista, cansada de Guerra*; e *Tieta do Agreste*. O meu objetivo, a princípio, era investigar como a relação entre sexualidade e gastronomia, fomentadas por Jorge Amado, ajudaram a difundir uma imagem estereotipada da mulher baiana/brasileira, mundo afora, sobretudo devido à quantidade de traduções de sua obra literária em vários países do mundo.

A partir dos primeiros encontros com os (as) professores e professoras do Programa, sobretudo com minha orientadora, comecei a visualizar, num outro viés, algumas possíveis alterações no meu anteprojeto. A princípio, as primeiras alterações foram a redução dos romances a serem analisados, a partir de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica. Antes, eu pretendia estudar as relações sobre sexualidade e gastronomia nos romances sobre as chamadas quatro mulheres de Jorge Amado. Agora, somente *Dona Flor* e *Gabriela* serão analisados em um recorte não totalitário, mas interrelacional e com outras perspectivas de pesquisa que não fogem à proposta original, mas ganham mais consistência e maiores possibilidades de ampliação das discussões, sobretudo porque quero investigar a produção, disseminação e desconstrução dessas personagens femininas negras (mulatas), pobres, analfabetas (no caso de *Gabriela*), marcadas por atributos culinários e sexuais, por traços de rebeldia e submissão, numa época bastante conservadora da nossa história, a década de 1920 que, por outro lado, se abre para novos horizontes, por conta da explosão do Movimento Modernista, época em que surgiu a primeira onda feminista no mundo, motivada, também, pela criação do Dia Internacional da Mulher, em 08 de março de 1911, após um incêndio que matou dezenas de trabalhadoras, em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Nesse contexto de mudanças, proponho realizar minha pesquisa, com o seguinte título previsto para o momento: *Gabriela, cravo e canela e Dona Flor e seus Dois Maridos: uma investigação da produção da subjetividade feminina nas obras amadianas a partir da relação culinária com a sexualidade*. Assim, com o projeto em questão, pretendo investigar a produção da subjetividade feminina nesses romances que são considerados ícones da literatura baiana, buscando

verificar como os considerados dotes referentes à culinária e à sexualidade são atribuídos às personagens femininas, sobretudo as personagens que dão títulos às obras pesquisadas, ajudando tanto a disseminar uma cultura gastronômica, regional, como a produzir e fixar uma imagem, que se faz circular, por diversos veículos midiáticos, da mulher baiana/brasileira. Além disso, pretendo investigar, também, como os movimentos feministas negros observam as obras amadianas em questão, fazendo um contraponto entre o que Jorge Amado pensa sobre suas personagens, e o que escritoras femininas negras dizem a esse respeito, visto que a pesquisa proposta, traz à cena a relação entre gênero e raça, nos mostrando como os fatores culinários ou o trabalho doméstico e o corpo voltado somente para a sexualidade foram estereotipados na mulher, sobretudo a mulher negra, desde os tempos mais remotos da escravatura em nosso país.

Sendo assim, creio que seja fundamental observar como essa produção da subjetividade feminina na obra de Amado pode ter ajudado a subalternizar o papel da mulher na sociedade, e como, verificando o estereótipo possivelmente disseminado, as implicações excludentes deste, o mesmo pode ser desconstruído através de outras vozes narrativas reflexivas, entre elas, a de mulheres negras. Nessa perspectiva, penso em realizar uma comparação entre as narrativas de Conceição Evaristo (1996), com as de Amado, sobretudo em *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, que segundo a autora, são obras em que Jorge Amado tentar desmistificar a condição subalterna da mulher, especialmente a mulher negra. Evaristo ainda considera que em várias obras literárias brasileiras *“a mulher negra brasileira não passa de uma rameira, confundindo-a muitas vezes com animal, que só serve para satisfazer os homens, e dificilmente se cria uma personagem onde a mulher negra é mãe”*, numa citação de sua obra *Ponciá Vicêncio* (1996).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a reflexão teórica, quero utilizar a fortuna crítica de Amado, principalmente no que diz respeito à representação feminina em suas obras, assim como em teorias que perpassam à crítica cultural, os estudos de gênero e outros estudos feministas.

Dentre as teorias que perpassam os estudos culturais, pretendo refletir sobre o conceito de Literatura Menor, discutido nas aulas da disciplina Literatura, Cultura e Modos de Produção, através do texto *KAFKA: por uma literatura menor*, de Deleuze e Guattari (1975), que me fizeram refletir sobre a questão da marginalização da obra de Jorge Amado, considerada uma Literatura Menor, pela crítica literária. Segundo Deleuze e Guattari,

A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna

então mais necessário, indispensável, aumentando ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele. (DELEUZE; GUATTARI, 1975, p. 26)

A esse respeito, pretendo inserir, também, opiniões de críticos que defendem a obra amadiana, tais como o professor/escritor da UNEB Luciano Lima e o escritor Jorge Araújo (2003), que trabalha a questão do prazer carnal na obra de Jorge Amado, aliando-o ao prazer gastronômico, como o faz em seu livro *Dioniso & Cia. na moqueca de dendê: revolução e prazer na obra de Jorge Amado*.

Sobre a reprodução da imagem estereotipada da mulher baiana/brasileira, quero me situar nas teorias de Walter Benjamin, sobre a reprodutibilidade técnica que o teórico alemão, texto também trabalhado na disciplina supracitada, ministrada pelas professoras doutoras Jailma Pedreira e Maria Anória. No texto de Benjamin, o autor procura entender como as produções artísticas têm sido veiculadas, a partir do surgimento do cinema e da fotografia, num texto escrito na década de 1930 (BENJAMIN, 1994, p. 170). Há, também, o desejo de aprofundar meus estudos nas concepções de estereótipo, trazidas por Homi Bhaba, em *O local da cultura* (2001) especialmente quando o autor fala da questão do canibalismo, da selvageria e da luxúria, em algumas personagens, que permitem a criação de imagens estereotipadas, pelo público leitor.

Pegando o gancho do estereótipo, me dedicarei, também, a investigar, num breve relato, como a mulher amadiana foi reproduzida nas mais diferentes mídias, considerando que os romances analisados foram adaptados para a TV, o teatro e o cinema, obtendo bastante êxito e inspirando outros veículos midiáticos, como o mercado publicitário, por exemplo. Desta forma, entender como essa veiculação de imagens, nessa perspectiva, contribuiu para a difusão da mulher subalternizada, através da mídia.

Continuando, como as obras de Jorge Amado tem uma forte marca identitária/subjéctiva e cultural, quero, também, trabalhar a questão da Identidade Cultural, trazida pelas teorias de Stuart Hall (1997), em seu texto *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, sobre subjetividade e história, presente da obra *Cartografias do Desejo* de Suely Rolnik e Felix Guattari (2000) e a carnavalização da imagem feminina (DA MATTA, 1997), através das leituras do antropólogo Roberto da Matta, em seu texto *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, além de outras leituras suas. De carona no universo da Identidade Cultural, utilizarei o texto do escritor Durval Muniz, *A Invenção do Nordeste e outras artes* (1999), para refletir sobre suas considerações acerca do Regionalismo, da nordestinidade, pensando com isso, como neste propósito se inventa também uma imagem regional da mulher, ou como a se defender, pintar um regional, a mulher se faz aí apresentada.

Nesse contexto regionalista, Alfredo Bosi (2000), em *História concisa da literatura brasileira*, ao analisar o conjunto da obra amadiana, conclui:

[...] Mais recentemente, crônicas amaneiradas de costumes provincianos (*Gabriela, cravo e canela, Dona Flor e seus dois maridos*). [...] Na última fase abandonam-se os esquemas de literatura ideológica que nortearam os romances de 30 e de 40; e tudo se dissolve no pitoresco, no saboroso, no apimentado do regional. (BOSI, 2000, p. 405).

Essa característica não é peculiar somente a Jorge Amado, outros escritores brasileiros, que traçaram sua trajetória defendendo o regionalismo em suas obras, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, entre outros, também apresentaram suas personagens com o intuito de problematizar os modelos tidos como canônicos, incluindo em seus romances elementos culturais próprios às condições sociais, focando cada vez mais numa escrita de caráter cultural e identitário. Entretanto, quais as ciladas deste possível contra-discurso regional? Contra o que mesmo combate, como combate e como a marca patriarcal – marca de gênero e raça – se apresentam neste discurso?

Em relação ao Feminismo Negro, escolhi para fundamentação, além de Conceição Evaristo, textos de Florentina Souza e Myriam Alves, que traduzem sentimento de indignação pela forma como é tratada a mulher no romance amadiano, numa forma de contrapor o discurso do escritor baiano, que, segundo elas, foi um grande difusor da subalternização feminina, com suas personagens carregadas de elementos subjetivos excludentes. Além de Florentina e Myriam Alves, outras escritoras afins também serão consultadas, tais como Ana Maria Gonçalves e Rosângela Praxedes. É interessante ressaltar que a inserção dessa discussão sobre feminismo negro, absolvida no processo de orientação e enriquecida em disciplina cursada e citada, que contribuiu para uma maior atualidade da pesquisa e consistência, se considerarmos a rejeição à obra amadiana, pelos movimentos sociais libertários. Estes são os sentimentos que tenho, além, é claro, da percepção da construção da pesquisa neste percurso.

Nas discussões teóricas sobre gênero, pretendo me ater, por exemplo, às considerações de Guacira Lopes Louro (1999) e Mary Del Priore (2007), sobretudo no que dizem respeito à própria noção de gênero, à mulher e seu papel na sociedade, uma vez que será enfocada, neste projeto, a imagem da mulher produzida por Jorge Amado, assim como a mulher construída no período escravagista, sob essa perspectiva de ser rotulada como a mulher de cama e mesa, até a contemporaneidade, quando percebemos que, embora outras narrativas já se apresentem, muito há que ser feito para se disseminar outra imagem, desconstruindo certas subjetividades femininas arraigadas nos textos do escritor baiano, *focus* do projeto de pesquisa e distribuídas mundo afora.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, espero realizar uma pesquisa bem fundamentada, de modo que consiga esclarecer essa grande dúvida que me surgiu, quando resolvi investigar se, de fato, foi Jorge Amado o difusor dessa figura, reproduzida em todo o mundo, da mulher baiana/brasileira, como sendo a mulher de cama e mesa. E, se não foi, pretendo desconstruir essa imagem estereotipada do escritor baiano, considerado pela crítica, e afirmado por ele próprio, como um romancista de putas e vagabundos (AMADO, 1993, p. 174).

Nesse contexto, espero que essa pesquisa contribua para um aprofundamento das pesquisas sobre a relação entre literatura e cultura, os estudos feministas e de raça, na perspectiva da crítica cultural, de modo a contribuir para que outros pesquisadores se utilizem desta, para o amadurecimento das discussões sobre a relação da gastronomia com a sexualidade, na perspectiva amadiana.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos: romance*. 56 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior: romance*. 94 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- ARAUJO, Jorge de Souza. *Dioniso & Cia. na moqueca de dendê: revolução e prazer na obra de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- BELINNE, Ana Helena Cizotto. *Representações Feminino na Obra de Jorge Amado*. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf> acesso em 29/07/2013.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- DEL PRIORE, Mary. (Org.). BASSANEZI, C. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *KAFKA: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2005.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GUATTARI, Félix; HOLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

LIMA, Luciano. *De como Jorge Amado, da Bahia, navegou, por tanto tempo, fora do alcance dos canhões sem mira da crítica universitária brasileira*. Disponível em:
<www.docentes.uneb.br/lucianolima.old/artigos> acessado em 03/07/2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PRAXEDES, Rosângela. *Mulheres Negras por elas mesmas*. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/063/63rpraxedes.htm>> acesso em 05/07/2013.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRODUÇÃO CULTURAL AUTÔNOMA EM REDE E SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Mauricio José de Jesus¹

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

Para situar as modificações da problemática apresentada no ante-projeto de pesquisa, preciso começar por situar a inquietação de onde emerge o problema que formulo. Ouso afirmar que o Axé-music e a indústria do carnaval se constituem como a expressão atual do monopólio cultural na Bahia. E mais, que estes produtos se configuram como modos de produção da subjetividade. Pretendem definir o gosto musical (e cultural) do baiano colando, quase como uma foto de identidade, tais produtos como a marca da identidade cultural baiana.

Não se trata de defender a identidade cultural baiana, mas sim de mapear modos de subjetivação alternativos ao modo dominante, que no caso da indústria da música em contexto baiano, pode ser percebido no Axé-music e seus derivados (como pagode, arrocha e suas variantes universitárias) que, pelo seu caráter monopolista midiático, deixa pouco espaço de mercado para outras expressões culturais e portanto outras subjetivações. A indústria do carnaval e seu produto musical que é a Axé-music, no âmbito da produção cultural, possui suas margens e é perscrutando tais margens que busco formas alternativas de produção cultural.

Neste sentido, o primeiro esboço do problema era tentar perceber na produção musical independente, formas de associativismo, como cooperativas de produção; coletivos de músicos; mídias independentes; enquanto alternativas à industrialização da cultura operada pela indústria do carnaval baiano. Foi a partir desta intuição que comecei a observar a convergência entre a cultura digital (ou cibercultura) e a produção musical independente, onde esta produção se utilizava de softwares de gravação para produção de músicas (homestúdios) e da internet como principal meio de distribuição e “propaganda” de seus produtos.

Tal convergência, entre a produção musical independente e a cultura digital, pode potencializar muito a difusão de estilos musicais alternativos, além de libertar o músico dos ditames das grandes corporações midiáticas e fonográficas. Possibilita também a constituição de novos modos de produção onde a cooperação e a colaboração confronte a ênfase concorrencial da indústria cultural.

Assim, a primeira formulação da problemática do ante-projeto, apontava para tentar compreender como se articula a produção musical independente dentro da concepção

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação - UNEB - Campus II – Alagoinhas BA.

cooperativista de produção em rede e quais potencialidades para uma singularização da subjetividade possuem tais práticas. No momento da formulação deste problema, ainda não havia feito um mapeamento de cooperativas de produção musical independente, não possuía exemplos concretos que pudessem me ajudar nesta questão. A questão me entricheirava na busca por experiências de produção musical cooperativa que possuíssem um discurso colaborativo de mercado articulado à democratização da cultura digital.

Foi, então, que num mapeamento preliminar na *Web*, encontrei uma rede colaborativa denominada Rede Fora do Eixo². Esta rede havia se constituído, em 2005, a partir de um circuito de festivais independentes, organizados por coletivos de produtores e artistas autônomos que se encontravam fora do eixo Rio-São Paulo, e que buscavam divulgar cenários musicais independentes, principalmente do universo Rock and Roll, fazendo circular a produção de bandas alternativas de cidades como Cuiabá (MT), Londrina (PR), Rio Branco (AC) e Uberlândia (MG). Tais festivais eram organizados por produtores e artistas independentes que colaboravam entre si, e tinham um caráter autogestionário forte, baseados nos princípios do cooperativismo.

O que me chamou a atenção para esta Rede foi seu caráter rizomático de organização e de inventividade, que mobiliza coletivos culturais propondo modos alternativos de produção cultural, se estruturando de forma horizontal e com um discurso de economia solidária, tudo isso alicerçado pela cultura digital. Embora no seu começo esta rede se dedicasse muito mais a eventos culturais relacionados à música (festivais de bandas independentes), e buscasse articular pequenos empreendimentos, associando-os e gerando ninchos de mercado para música independente, a rede se desenvolveu, a ponto de ser abraçada e estimulada pelo Minc na gestão de Gilberto Gil e Jucá, chegando a se constituir como principal referência na elaboração de políticas públicas para a cultura, principalmente no que se refere às políticas públicas para a cultura digital e sua democratização.

Dos festivais de música independente até à sua proliferação em território nacional (e internacional no âmbito da América do Sul), a Rede Fora do Eixo consegue articular inúmeros coletivos culturais, que envolvem diferentes linguagens, e se constitui como uma experiência contundente da convergência entre a cultura digital e os novos modos de produção cultural. Este feliz encontro com tal experiência resolvia uma parte da problemática inicial sugerida no anteprojeto, no que diz respeito às articulações entre a produção musical e o cooperativismo em rede.

² Cf. <http://foradoeixo.org.br>

A Rede Fora do Eixo possibilita a institucionalização de práticas cooperativistas em rede no universo da produção cultural e as estimula. Resta saber se a institucionalização de um tal modo de produção propõe algum tipo de singularização da subjetividade.

Até aqui, busquei situar a problemática da pesquisa em seus primeiros questionamentos. A partir do encontro com a Rede Fora do Eixo, o problema inicial é modificado e busca perceber na produção cultural (e não só na produção musical independente) traços de singularização da subjetividade. Para tanto, farei uma breve abordagem acerca das noções de produção de subjetividade e de singularidades, e assim apresentarei o momento atual do problema.

Para Guattari, com o desenvolvimento tecnológico, os *mass media* assumem um papel preponderante em relação aos fatores subjetivos e, portanto, a subjetividade precisa ser abordada sob o ângulo de sua produção. Com o alcance mundial da indústria midiática, a subjetividade se encontra num processo de homogeneização comportamental produzida para a reprodução do próprio sistema capitalista.

No intuito de combater esta tendência, Guattari propõe uma abordagem da subjetividade enquanto produto de instâncias individuais, coletivas e institucionais, onde o processo de produção da subjetividade não se dá por via única, mas sim num agenciamento que envolve múltiplos componentes. São componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, da arte e do esporte; elementos fabricados pela indústria da mídia e dimensões semiológicas a-significantes que atuam paralelamente (ou independentemente) por produzirem significações que escapam aos axiomas linguísticos (GUATTARI, 1992, p. 15).

A subjetividade é abordada, então, como polifônica e plural onde vários registros semiológicos, etológicos e ecológicos concorrem para sua produção. E mesmo que o CMI invista na tentativa para homogeneizar e serializar a subjetividade, o seu caráter polifônico e plural aponta zonas de escape que altera os processos de produção de subjetividade capitalista. Neste sentido, são os componentes desviantes, que configuram os aspectos criativos de ressignificação de conteúdos simbólicos, que potencializados, podem apontar para singularizações da subjetividade onde os processos de autonomização do sujeito possibilitem escapar à modelização subjetiva do capitalismo.

A noção de singularidade proposta por Deleuze busca combater o “atomismo psíquico” que a noção de indivíduo propõe sobre a rubrica de “sujeito consciente”. Para Deleuze, a singularidade remete a aspectos biológicos e fisiológicos, impessoais e pré-individuais, onde o corpo é o limite entre o fora (o mundo exterior que nos circunda) e o dentro (a realidade psíquica e subjetiva, consciência e inconsciente), que não tem nenhum vínculo nem com o sujeito consciente (indivíduo psíquico) e nem com a pessoa (Eu), pois tais instâncias são produtos da consciência, sendo que a

singularidade remeteria muito mais a processos inconscientes, do universo da criatividade, que produzem a própria consciência (DELEUZE, 1969, p. 108-111).

A singularidade é proposta como a instância criativa que organiza as formas de efetuação da consciência e que a torna mutável e adaptável ao mundo exterior (DELEUZE, 1969). Guattari retoma tal noção para propor modos de subjetivação que buscam escapar das modelizações subjetivas do capitalismo (GUATTARI, ROLNIK, 2008, p. 54-61). A singularização remete aos processos criativos de ressemiotização dos conteúdos simbólicos que se engendram na subjetividade, buscando escapar das significações dominantes.

Tal singularização é um modo de combater a produção de subjetividade que o próprio processo de produção material e de consumo implica. A singularização da subjetividade pode permitir a autonomização dos processos de atualização da consciência como instância em constante mudança e adaptação. Por isso a opção por tratar a subjetividade como polifônica e plural. Pois é essa pluralidade, e principalmente as dimensões a-significantes da subjetividade, que permite as linhas de fuga e desencadeia os processos de autonomização subjetiva e material. São os processos de criação e invenção que permitem a subjetividade sua singularização, ou seja, a criação e invenção de novas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Uma das proposições de Guattari que me ajudam a recolocar a problemática de pesquisa é a que sugere que a produção de subjetividade se dá ao mesmo tempo que a produção e o consumo material e imaterial. Portanto, nos próprios produtos e em seu consumo podemos encontrar dispositivos de subjetivação.

Isto posto, gostaria de me deter na atual inquietação que fundamenta o problema que proponho. Se num primeiro momento busquei formular a questão visando mapear as formas cooperativas de produção focada na área musical, e dessas iniciativas tentar mapear as singularizações da subjetividade, ou seja, encontrar no cooperativismo em rede os dispositivos de subjetivação singular, atualmente desloco de tal questão caminhando para dois aspectos diferentes do problema inicial.

1. Tratar da produção cultural (não só musical) autônoma organizada em redes colaborativas baseadas no princípio cooperativo, ampliando as possibilidades de bens simbólicos produzidos em rede. Assim, podemos abordar não só os aspectos da produção musical, mas também aspectos de produção midiática alternativa, como vídeos-entrevistas de festivais, blogs de divulgação, jornais culturais online, home pages de coletivos culturais e etc.

2. Tentar perceber nos produtos culturais deste modo de produção alternativo, os traços de singularização da subjetividade implicados no seu próprio processo de produção.

Então, a partir destes dois aspectos, mapear as potencialidades das singularizações operadas no âmbito da produção cultural autônoma, na proposição e experimentação de uma outra noção de mercado, onde o valor de uso é que sobredetermina o valor de troca, invertendo a lógica do CMI e superando-a para, quem sabe, uma era pós-capitalismo numa espécie de mercado horizontal baseado na troca de serviços e de valores de uso.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. Das singularidades. In: *Lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suley. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

A ESCRITA EM TROCA DA ORALIDADE: O FACEBOOK COMO UM ARRANJO SOCIAL ATUAL E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O PARTICULAR

Táise Alves Moreira¹

Orientador: Washington Drummond

Resumo: O presente artigo visa apresentar para a comunidade acadêmica como se desdobraria o processo de valorização simbólica nas redes sociais virtuais, devido à troca do contato físico pelo contato virtual, mesmo que o resultado de certas práticas (como o compartilhamento de conteúdo poético) resulte em sensações semelhantes a aquelas percebidas presencialmente: ou seja, re-significações conceituais implicando nas performances e recepções nas relações interpessoais. Com um levantamento teórico consistente, composto por autores ímpares nos estudos aqui apontados, o trabalho está no estágio inicial voltado para captação de leituras direcionadas para tal finalidade.

Palavras-chave: redes sociais virtuais; performance; recepção

INTRODUÇÃO

Fazemos pesquisas o tempo todo, pois é própria do ser humano (ou nos impõe a consumirmos essa máxima) a busca por novidades que supram as nossas necessidades; todavia, o trabalho de pesquisa para qualquer pessoa que se dedique a área necessita além da busca por respostas que esvaziem as lacunas abertas por questionamentos gerados em discussões requer uma grande dose de rigorosidade técnica, a fim de que não passe de uma pesquisa empírica.

Referindo-me ao trabalho de pesquisa na pós-crítica sinto que o processo de decomposição do objeto proposto se iniciou no instante em que, perguntas foram realizadas, novas pistas foram encontradas e principalmente, quando foi aberto um caminho diante de olhos anteriormente cegos por concepções fechadas oriundas de um pensamento cartesiano.

Ao passo que outras leituras se juntaram para trabalharem em prol da quebra de paradigmas e que rizomas foram encontrados no meio de uma confusão de ideias desordenadas, tais pistas se evidenciaram e começaram a fazer sentido; aliás, a busca por novos sentidos, aqueles que não são vistos facilmente pela maioria se reporta como a função do crítico cultural. Mas, separar o todo em partes menores, provavelmente tenha sido o momento mais angustiante, visto que ainda não estava preparada para colocar em xeque aquilo que eu mesma propus como objeto de análise.

No momento em que me foram apresentados autores que também passaram pelo crivo da pesquisa notei que existiam formas de estudo que permitem senão a resolução das dúvidas, pelo

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação – UNEB-Campus II – Alagoinhas BA.

menos um norte para o início do caminho da desconstrução, reconstrução e enfim, para vários desdobramentos permitidos pela linguagem humana, seus signos, seus significantes e seus significados.

Para que isso ocorresse foi necessário compreender que existe algo a mais entre a fronteira do real e do imaginário: o simbólico; extrair esse primeiro critério foi sair da ordem cronológica, diacrônica e/ou sequencial como geralmente encontramos as coisas. Foi colocando em movimento uma combinação de elementos que faziam parte de uma estrutura mental apresentada no projeto inicial que percebi que ao realizar esses deslocamentos, outros significados emergiam à cena.

Nesse ponto, a compreensão da importância de um método de pesquisa se fez primordial para o andamento das leituras, pois fica mais claro o processo de fazer pesquisa ao perceber que para o estudo do sujeito em questão é necessária uma coordenação metodológica.

O que tento apresentar com essas colocações é que ao procurar por respostas dentro desse futuro trabalho, ao mergulhá-lo nas águas de Derrida (2001) deixando emergir os resíduos e ao lê-los como Ginzburg (1990) compreendi que o anteprojeto da maneira que hoje se encontra representaria inicialmente um pensamento superficial sobre o tema (o senso comum). Logo, o método proposto seria o do desconstrutivismo (Derrida), visto que, nesse momento para chegar ao centro do problema se faz necessário todo um trabalho re-significação das coisas que foram nomeadas pelo homem, ou seja, uma atualização de conceitos. Afinal estamos nessa pós-modernidade ou contemporaneidade.

A DEFINIÇÃO DE UM PROBLEMA E SEUS POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

De tal maneira, o local de pesquisa/observação do anteprojeto mencionado no título seria a rede social denominada Facebook, pelo fato de que é atualmente uma das maiores redes de comunicação virtual utilizada no mundo (segundo informações da própria mídia), gratuita, criada por norte-americanos e que no Brasil está proporcionando aplicabilidades sociais que, por vezes condicionariam o comportamento das pessoas no instante em que, repetem ações de maneira impulsiva. Além da possibilidade de observá-lo como um dispositivo de poder (AGAMBEN, 2009) que influenciaria sobre as performances e recepções do corpo visualizadas normalmente no contato presencial.

O ato da oralidade é adaptado nesse espaço pelo processo da escrita: o questionamento é aberto quando se indaga sobre como se processariam as performances e recepções do corpo (ZUMTHOR, 2007) emanadas pela propagação da voz no contato presencial nesse mundo virtualizado

que estaria provocando o isolamento das pessoas, inclusive daqueles participantes de grandes comunidades, que compartilham gostos, pensamentos e ideologias análogas.

Justifico o motivo pela escolha do tema por observar o surgimento e a propagação das comunidades virtuais que apresentam uma proposta de aproximação de pessoas geograficamente separadas, mas que excluiria, em um primeiro momento, a prática de costumes orais, o que requisitaria leituras sobre o conceito de culturas e tradições sob novas roupagens.

Assim, após ter conseguido problematizar o tema a partir da utilização preliminar de um método ratifico que a proposta de estudo seria o de apresentar para a comunidade acadêmica como se desdobraria o processo de valorização simbólica nas redes sociais, devido à troca do contato físico pelo contato virtual, mesmo que o resultado de certas práticas (como o compartilhamento de conteúdo poético) resulte em sensações semelhantes ou não a aquelas percebidas presencialmente.

O trabalho não tem como foco apresentar novos conceitos, mas de reapplicá-los sob os novos acontecimentos culturais que envolvem o homem e a fala dentro de uma comunidade, mas que na contemporaneidade, se re-configura com uma maior utilização da escrita, em um espaço isolado existente no ambiente virtual, no que se refere a propagação de textos poéticos. Vale ressaltar que, aqui me refiro ao conceito de poesia defendido por Zumthor (2007, p. 12) como sendo “uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização”.

Com esse pensamento consigo visualizar a possibilidade de re-leituras sobre outros conceitos chaves que estão intrínsecos no modo de vida das pessoas, que estão presentes nessa atual formatação social encontrada nas redes sociais e que podem ser escolhidos para a especificidade dessa pesquisa.

O primeiro ponto seria uma revisitação aos conceitos trabalhados e repassados sobre o que são culturas; entendo como importante iniciar o futuro projeto por uma leitura antropológica e/ou sociológica sobre essa palavra, principalmente no que se refere aos estudos que trabalham sobre a valorização simbólica dos objetos (GEERTZ, 1989 e THOMPSON, 1995) até chegarmos às concepções dos estudos culturais defendidos na pós-modernidade. Autores como Bauman (2003), Santaella (2003) estão contribuindo para uma atualização de conceitos para formatação social que envolve a coletividade denominada de comunidades virtuais.

O termo globalização seria o segundo ponto passível de desdobramento; Milton Santos (2011) traz reflexões importantes sobre a unificação de discursos, sem revelar as particularidades de cada grupo que nos permitiria sair do pensar previsivelmente para o pensar coletivamente.

Nessa linha, se faz necessário também um olhar mais aprofundado para a palavra identidade. Hall (2011, p. 7) descreve que: “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” E, ainda acrescenta (2011, p. 13): “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tento uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”

Coloco o sujeito em questão, aquele que se apropria desse material poético como “a geração atual” que mantém relações interpessoais amparadas pelos recursos tecnológicos; trocam esse tipo de conteúdo poético em substituição do contato presencial sustentado pela oralidade, implicando dessa forma, em novos modos de vida substanciados por uma cultura midiática (Santaella, 2003). As instituições simbólicas marcam presença na nova empregabilidade de sentidos nas relações que envolvem performances e recepções em um ambiente virtual e as instituições culturais estariam envolvidas na utilização de um novo espaço de convivência agregadas a ritos e práticas semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estabelecimento da linguagem humana se tem uma gama de articulações dotadas de significações nas quais, a desconstrução de conceitos e a re-alocação dos signos resulta em novos saberes; a desconstrução concede a possibilidade de criação de novos sentidos.

Ao compreender o homem como produto e não mais como produtor de significados tem-se a oportunidade de não apenas criticar a realidade da linguagem, mas através de um pensamento mais profundo emergir os sentidos que estão no entre-lugar do simbólico, na casa vazia. Um lugar onde a mobilidade dos objetos que se configura em encontros e desencontros, em um paradoxo que impulsiona ao não-sentido, a uma espécie de metade que não se completa, mas que permite reflexões para entender o simbólico.

Com essas considerações, a problematização que envolve o anteprojeto se reporta a condição do sujeito do enunciado científico que passa enfim, pelo processo de subjetivação, rizomático, que tem a possibilidade de re-significar as coisas ou exercer um olhar simbólico como forma de politização da natureza observada. Situar-se frente às inquietações do tema, aos deslocamentos para realizar perguntas sobre o processo de esvaziamento se configura como as rupturas do concreto.

Munido desses conceitos, ao se falar em contatos nas redes sociais virtuais, o que vale é eleger uma cena foco que dialoga com o material que estiver percorrendo e propor um enlace concentrado

na busca pelo preenchimento das lacunas abertas pelas palavras apresentadas. A partir do momento em que a proposta da pesquisa impulsiona para a saída da zona de conforto é possível enfim enxergar ou mesmo questionar a construção de outros saberes. São passíveis de observação, os sujeitos que imperam sentidos fixados, mas que podem ser esvaziados; que aquilo que é construído pela linguagem humana e é portadora de sentido pode ser desorganizado e re-montado.

Assim, todo esse trabalho visará na desconstrução do inconsciente, de como desconectá-lo do real (e das outras noções), já que ao levantar as posicionalidades, as multiplicidades e colocar o pensamento em movimento será possível desmontar os dispositivos do texto, a fim de desmontar também os dispositivos de poder nele existente. O anteprojeto proposto não se revela como algo inexistente; o que lhe proporcionará ares para reflexões atualizadas no pós-crítica será o de ângulo de leitura empregado ao indivíduo apontado, para extrair dele concepções pós-modernas das linguagens que se desenvolvem com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícios Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, MILTON. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011,
- THOMPSON, John B. Capítulo III. O conceito de cultura In: *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 163-215.

A LITERATURA E OS EDITAIS DE FINANCIAMENTO PÚBLICO NO ESTADO DA BAHIA

Vandelma Silva Santos¹

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

A cultura está na mídia. Por um lado, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e seu crescente impacto em muitas esferas da vida social fizeram crescer a importância dada ao campo do imaterial. Por outro, movimentos sociais de diversas ordens, ao longo de todo o século XX e depois, demonstraram que o simbólico, o cultural, é tão relevante nos conflitos políticos quanto o processo econômico de dominação. A cultura – qualquer que seja o conceito que se lhe dê – passou a estar presente de maneira intensa e constante tanto na imprensa, quanto no poder público ou mesmo nas discussões cotidianas da sociedade brasileira.

Transformada em campo ou em instrumento de embates políticos, a cultura – e dentro dela, ou como seu sinônimo, a arte – passou a ser objeto de ações e mecanismos de difusão e controle específicos. A produção e a circulação dos chamados bens culturais é, hoje, regulada por leis próprias e financiada, por órgãos públicos, através de programas que têm como objetivos declarados, entre outros, democratizar o acesso e valorizar a diversidade cultural.

Dentre as linguagens ou formas escolhidas pelos sujeitos na construção e expressão de sua personalidade e de seu estar no mundo, conta a Literatura: manifestação verbal que permanece mesmo diante da vertiginosa proliferação de produções que utilizam as técnicas ou os suportes das mídias eletrônicas e da rede mundial de computadores. Sendo um produto cultural como outros, mobilizando uma rede particular ou integrada de produção, circulação e fruição, a Literatura também é incluída nas ações de estímulo e regulação do Estado, participando de processos sociais que não deixam de suscitar controvérsias.

Nesse contexto, considerando os diversos agentes envolvidos, questiona-se de que maneira a Literatura tem participado dessas intervenções estatais. Para analisar com mais clareza tal processo, delimitou-se como objeto de estudo os editais de financiamento mais recentes da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que alinha suas ações às diretrizes nacionais no campo da cultura.

As produções que orientam a interpretação das questões enunciadas situam-se no entrecruzamento de três campos teóricos: a literatura, a comunicação e o pensamento político.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação – UNEB-Campus II – Alagoinhas BA

Os desdobramentos dos estudos literários nas últimas décadas, sobretudo os articulados sob o título de Literatura Comparada, têm acolhido problematizações acerca da produção material e da circulação das obras, trazendo à tona relações políticas imbricadas no fazer artístico. Pesquisadores como Porto (2004), Coronel (2011), Souza e Ribeiro (2011), Abdala Junior (2012) e Cury (2013) têm revelado como – a partir dos desafios impostos a culturas pós-coloniais ou a grupos sociais como mulheres, afrodescendentes, migrantes e moradores de bairros periféricos – a teoria e a crítica literárias têm sido levadas a se deterem sobre as questões de ordem política. É um processo ainda incipiente, que com pouca frequência inclui as bases materiais da produção, circulação e fruição da Literatura.

No Brasil, a temática do financiamento à produção artística é geralmente estudada sob o título de políticas culturais, historicamente debatida pelos programas de pesquisa em comunicação. Barbalho (2005, p. 37), citando Coelho (1997), define política cultural como um “[...] programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.”

Barbalho (2005) destaca o papel das empresas privadas na realização de políticas públicas voltadas para a cultura. Para ele, quando se abandona a visão estreita que vincula o público ao estatal, percebe-se que as políticas culturais – por lidarem com o conceito amplo de política como vivência na coletividade e com documentos simbólicos que são sempre sociais – são inevitavelmente públicas. Daí o interesse em estudar as consequências dos programas de políticas culturais, manifestados através da questão do financiamento à cultura.

Nesse sentido, as proposições de Rubim (2008) sobre as políticas culturais no Brasil contemporâneo são bastante esclarecedoras. Este pesquisador propõe-se a analisar rigorosamente tais políticas durante o governo Lula/Gil (2002-2008), objetivo que considera possível apenas diante de uma revisão histórica do setor, que ele desenvolve em torno do que identifica como tristes tradições, sintetizadas em ausência, autoritarismo e instabilidade.

Procurando superar essas tradições, os discursos e as ações do Ministério da Cultura, nos últimos anos, ampliaram crescentemente o papel do Estado nos processos decisórios da área. As linguagens artísticas – dentre elas a literatura – têm sido incluídas em um processo de institucionalização das práticas culturais que tem como princípios a democratização do acesso à cultura e a participação popular em todas as atividades concernentes, da formulação à avaliação e controle. Embora garantindo espaço também para empresas particulares que auferem seus lucros a partir de manifestações culturais, a política cultural proposta pelo governo federal e transformada

democraticamente em política de Estado assegura possibilidades de ação autônoma para ampla parcela da população brasileira. É a concretização desse processo democrático, com suas possibilidades e limites, que tem sido o foco das investigações em comunicação na contemporaneidade.

Em que pese a inegável tendência e a institucionalização do processo de democratização, a participação cidadã no campo da cultura acaba esbarrando em dois problemas: a escassez de recursos para financiamento e a necessidade de capacitação para o diálogo com os órgãos públicos. Devido à primeira, inúmeras manifestações precisam recorrer a fontes e estratégias alternativas para sua realização. Em consequência da segunda – que fica evidente com a exigência do cumprimento de padrões formais para a apresentação de propostas –, acaba existindo uma separação entre manifestações aceitas e rejeitadas pelo círculo cultural hegemônico. O sistema cultural reconhece e se propõe a enfrentar esta última dificuldade, inclusive com a criação de um subsistema específico para a formação e qualificação dos profissionais da cultura; porém isso não constitui apenas uma dificuldade técnica, é também um indício de que há embates políticos ainda não resolvidos.

Cientistas sociais, como Hall (1997), não estranham a presença da cultura nos debates políticos de hoje: “Quanto mais importante – mais ‘central’ – se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam.” (HALL, 1997, p. 15). É essa centralidade que justifica, também, as pesquisas acerca da regulação da cultura, que podem envolver tanto o Estado como as instituições de mercado. Na esteira de grandes pensadores como Horkheimer (que levantou importantes questões sobre a indústria cultural) e Habermas (que procurou sistematizar a autonomização da esfera cultural na sociedade capitalista), estudiosos contemporâneos discutem os sentidos da institucionalização da cultura para a vida política como um todo.

Por meio de designações como conservadorismo, domesticação, generalização, transmissão, homogeneização e indústria cultural, autores como Drummond e Sampaio (2011) problematizam o que Hall (1997) chama de regulação da cultura. Para os primeiros, o que é revelado pelos editais de cultura promovidos pelo governo brasileiro na última década não é um estímulo à diversidade da arte, mas um controle prévio das manifestações. Ao estabelecer critérios de seleção aos projetos que serão financiados, o que o Estado faz é moldar as produções artísticas de acordo com as disposições mercadológicas que orientam, de forma mais ampla, sua política.

Das interpretações suscitadas pelo conjunto das leituras, pode-se depreender que o espaço para a participação popular existe na lei e na organização das ações estatais, mas sua efetiva utilização depende da competência dos sujeitos em integrar-se aos processos e dialogar, fazendo com que sua vontade e seu fazer sejam realmente considerados. Em prol dessa participação, é

necessário compreender os fatores envolvidos e ser capaz de perceber, inventar, mobilizar, outras formas de vivenciar a cultura. Em busca dessa compreensão e dessa sensibilidade, procura-se, na pesquisa em andamento, analisar o espaço democrático aberto pelas atuais políticas culturais brasileiras, assim como visualizar possíveis articulações e percursos que os artistas da literatura empreendem, transformando sua arte em exercício de cidadania.

Ao fim do trabalho, pretende-se ter estabelecido interpretações sobre:

- 1) As implicações entre literatura e políticas culturais e a necessidade de um debate mais sistematizado;
- 2) O lugar da literatura nas políticas públicas brasileiras contemporâneas;
- 3) O processo de elaboração dos editais para literatura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, nos últimos três anos;
- 4) A maneira como a sociedade baiana tem interagido com os referidos editais.

A construção dessas interpretações passa pelo levantamento bibliográfico sobre o tema e consolidação das bases teóricas; pelo estudo de documentos legais e de divulgação ou acompanhamento do Ministério da Cultura e da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia; e pela análise dos projetos que concorreram aos editais mencionados.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Repensando a lusofonia: eurocentrismo e horizontes comunitários*. Letras (UFSM), v. 45, p. 108-117, 2012. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r45/artigo_1.pdf>.

BARBALHO, Alexandre. Política cultural. In: RUBIM, Linda (Org.). *Organização e produção da cultura*. Salvador: EDUFBA; FACOM/CULT, 2005. (Coleção Sala de aula). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/146/1/Organizacao%20e%20producao%20da%20cultura.PDF>>. Acesso em: 14 set. 2012, 19h53min.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORONEL, Luciana Paiva. *Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 63-71, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/9-Literatura-de-periferia.pdf>>.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Poéticas da precariedade. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 41, p. 33-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/9133/6876>>.

DRUMMOND, Washington; SAMPAIO, Alan. *A gaiola e o pássaro: o Estado e a cultura urbana*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador, v. 10, n. 1, p. 89-96, 2011. Disponível em: <

<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/?menu=14&conteudo=18&submenu=>>. Acesso em: 10 out. 2012, 07h30min.

FREITAG, Bárbara. *Habermas e a Teoria da Modernidade*. Caderno CRH, Salvador, n. 22. p. 138-163, jan/jun. 1995. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=326&layout=abstract>>. Acesso em: 28 set. 2012, 11h27min.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Trad. e rev. Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/downloads_pesquisadores.htm>. Acesso em: 10 out. 2012, 9h53min.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. O Iluminismo como mistificação das massas. [1947] In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de textos de Jorge M. B. de Almeida. Trad. Julia Elisabeth Levy et al. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 5-44.

PORTO, Rozeli Maria. *Consórcio de Publicações Feministas: a visibilidade do feminismo e sua divulgação*. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 12, p. 169-181, set./dez. 2004.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do Governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BAYARDO, Rubens (Org.). *Políticas culturais na Ibero-América*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 51-74. (Coleção Cult).

SOUZA, Joseneida M. E. de; RIBEIRO, Maria de Fatima Maia. *Trajetórias das literaturas africanas no Brasil: pensando a questão editorial*. *Inventário* (Universidade Federal da Bahia. Online), v. 1, p. 1-12, 2011. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/08/Trajet%C3%B3rias%20das%20Literaturas%20corrigido.pdf>>.

SOB AS TRILHAS ECODIASPÓRICAS: REPRESENTAÇÕES AMBIENTAIS E RESISTÊNCIA POLÍTICA EM AMADA DE TONI MORRISON.

Wellington Neves Vieira (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel

Resumo: O objetivo deste estudo é mostrar a relação que a personagem Sethe, protagonista do romance *Beloved* de Toni Morrison, tem com a natureza. A ligação de Sethe com os rios, a flora e o próprio ambiente geográfico norte-americano é utilizado pela narradora do romance como uma estratégia para realçar a condição da mulher negra, no intuito de expressar os contornos identitários afro-americanos que estão geminados em ambientes onde a mulher negra ainda é considerada estrangeira. Neste sentido, a teoria da ecocrítica será o suporte teórico subsidiário para a análise literária das simbologias que marcam a representação do meio ambiente norte-americano.

Palavras-chave: Condição feminina. Ecocrítica. Narrativa. Personagem. Toni Morrison.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisou o romance *Beloved* de Toni Morrison publicado em 1987, numa perspectiva ecocrítica a qual procurou abordar os aspectos mais relevantes das representações ambientais incorporadas na personagem Sethe.

A metodologia empregada é de caráter teórica, qualitativa-descritivo, nomeando a Ecocrítica como a espinha dorsal a argumentar com os estudos, literários, sociais, culturais, ecológicos e humanos, com a intenção de esquematizar a pesquisa literária através de análises explicativas, descritivas e exploratórias, busca-se apoio de informações bibliográficas através de autores como BHABHA, BACHELARD, CERTEAU, CRAYTON, HALL, RAFFESTIN, SHOHAT & STAM, SOJA, SCHAMA, WALTER, a dialogar com as teorias dos Estudos Culturais, feministas e Pós-Coloniais aplicadas à análise literária do discurso politizado de Toni Morrison e suas representações culturais afrodiáspórica, no núcleo desta pesquisa. GARRARD, GATTARI, BOFF, a argumentar o panorama da ecocrítica e da ecologia social, LARAIA WALDMAN e VIANA a adentrar nos trames culturais, antropológicos e de meio ambiente, vale ressaltar também a colaboração do ASLE (Associação para o Estudo de Literatura e do Meio Ambiente). Foi diagnosticado na pesquisa, elementos como: a relação do ser humano com a natureza e a condição feminina negra atrelada às simbologias da natureza na geografia dos Estados Unidos.

Os tópicos acentuados são complacentes e estimulantes no sentido de mostrar a resistência política da mulher negra em face aos sistemas opressivos.

1 DADOS DA AUTORA

Toni Morrison nasceu em 1931 em Lorain - Ohio, Estados Unidos. Filha de operários era a única criança negra na sala de aula do curso primário. Em 1970 publicou seu primeiro livro, *The Bluest Eye*. Desde 1976 leciona literatura negra e técnicas de ficção em Yale e no Bard College, mas, seu principal interesse atual seja escrever.

Beloved é a história de uma mulher negra, escrava fugitiva que, ao ser resgatada para o seu antigo dono, prefere assassinar seus quatro filhos a vê-los escravizados. Apesar de ferir os dois meninos, tentar atirar a outra filha contra a parede, consegue dar fim apenas à vida de sua filha de nome *Beloved*, cujo fantasma retorna e passa a atormentar a mãe e os demais personagens da história.

2 PRINCIPAIS PERSONAGENS

Sethe, Denver, Baby Suggs, Paul D, *Beloved*. Vale ressaltar que a construção da narrativa das vidas dos personagens em *Beloved* acontece de forma não linear, não tem pontos firmes de espaço e tempo, há a presença de diferentes vozes que compõe fragmentos de memória, histórias vivenciadas e recontadas algum tempo depois. Constroem e reconstroem acontecimentos do passado com pontos obscuros e incompreensíveis nos fatos das trajetórias dos personagens.

3 CENÁRIO ECOCRÍTICO

As discussões relacionadas às temáticas ecológicas têm assumido maiores ostentações na sociedade mundial, oportunizando a revelação de um novo posicionamento teórico dentro da visão literária, a Ecocrítica, que “foi pronunciado pela primeira vez em 1978, por Rueckert”. (GARRARD, 2006, s/p.).

Úrsula K. Heise, através do texto “Ciência e Ecocritismo” – the American Book Review 18.5 (july- August – 1997).

O ecocritismo ou “verde” criticismo é um dos campos interdisciplinares mais recentes que surgiu através da literatura e estudos culturais. O ecocritismo analisa o papel natural do meio ambiente na imaginação cultural de uma comunidade num momento histórico específico, examinando como o conceito de natureza é definido, que valores lhes são atribuídos ou negados e por que, além de ver como a relação homem/natureza é vislumbrada. Alguns ecocríticos entendem suas pesquisas como uma intervenção em debates sociais, políticos e econômicos acerca da poluição e preservação do meio ambiente. (tradução nossa)

Partindo do bom senso de que a literatura pode ser um forte veículo para a sensibilização humana no tocante a preservação da natureza e da espécie humana, pretende-se nessa pesquisa direcionar o olhar ambiental, numa visão de cuidado com as espécies humanas e não humanas atrelando aos estudos literários afro-diaspóricos de autoria feminina negra . Sendo, assim a importância dessa pesquisa é mostrar um estudo que explora o campo ecológico, o qual busca adentrar por um viés investigativo ainda pouco cultivado e que obedece à condição natural do ser social, adentrando também na “ecologia social que deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas” (GUATTARI 1990, s/p.) Embora essas questões já vinham sendo tratadas desde o século XIX nas narrativas afro-diaspórica, porém, não eram vistas sob esses aspectos.

Nessa perspectiva, o presente estudo intenciona mostrar a análise literária das simbologias da natureza como pano de fundo para mostrar relação da natureza social humana ente os personagens e, a relação destes com o próprio ambiente geográfico estadunidense, com a finalidade de desencadear a resistência política racial dos negros norte-americanos.

4 RESISTÊNCIA POLÍTICA E O DESENHO ECOCRÍTICO EM SETHE

As ideias feministas ganham espaço nos Estados Unidos a partir dos anos 60 com os movimentos em prol dos direitos civis, tais mobilizações deram suporte para desenvolver nas escritoras negras a consciência crítica em demonstrar as suas visões políticas - culturais entre o meio militante e os centros acadêmicos, com o intuito de serem auto-reconhecidas, colocaram-se como sujeitos militantes, disputando o poder de construção de imagens e narrativas auto-representativas, problematizando papéis que exerceram na vida social, para assim constituir o perfil de suas próprias feições sociais e culturais, que foram demonstradas no universo literário.

Através do resgate histórico e das inúmeras pesquisas, Toni Morrison encontra na natureza africana a inspiração que flui na personagem Sethe, a vontade de vencer contra os sistemas opressores, de viver em paz e de melhorar o convívio dos negros ao ambiente estrangeiro, onde o passado e o presente emergem como resposta da própria natureza africana frente á sua degradação.

A presença simbólica da natureza está relacionada à identidade africana que se encontra presente em todo o romance, e isso funciona como uma resistência política relacionada a condição da mulher afro-americana, por isso neste estudo será explorado as representações ambientais que são expressas na personagem Sethe. A primeira percepção desse processo ocorre através da colheita das flores por Sethe que busca na natureza o refúgio para tornar a sua vida mais harmoniosa.

[...] ela que tinha que trazer um punhado de cercefi à cozinha da Senhora Gardner todo dia para poder trabalhar, [...] ela queria amar o lugar em que trabalhava, tirar o que tinha de feio, e a única maneira de ela sentir-se em casa em Sweet Home era colher alguma plantinha e carregá-la com ela. O dia em que não fazia era o dia em que a manteiga não solidificava ou em que a salmoura no barril fazia bolhas em seus braços. Pelo menos é o que parecia. Umas poucas flores amarelas na mesa, um pouco de murta amarrado no pegador do ferro de engomar que mantinha a porta aberta para que a brisa entrasse, acalmavam-na, e quando a Senhora Gardner e ela tinha de cardar, ou fazer tinta, ela se sentia bem (MORRISON, 1987, p. 28).

Como se pode perceber a coleta das flores é um modo exclusivo de levar à vida as proximidades da natureza para se libertar das aflições do cotidiano a personagem, busca na presença das flores afugentar o medo, as flores para Sethe faz germinar outra realidade de vivência, uma vida que é mais deleitosa e os obstáculos do dia-a-dia são mais facilmente superáveis.

Dessa forma percebe-se que a presença da flora no romance é uma forma da personagem buscar na natureza a liberdade, a sensação de paz e de uma vida mais aprazível, para então, resistir aos sistemas opressivos, e por outro lado fortificar a sua identidade cultural tonificada nos nichos ambientais, que serve como um aconchego para “Sethe que apanhava as flores, as flores amarelas antes de termos de ficar agachadas. Ela as arrancava das folhas verdes. Agora elas estão na colcha em nossa cama” (MORRISON, 1987, p. 264).

Observe que a flora nesse trecho desempenha uma função confortadora, nas mulheres negras no romance, as flores consolam, guia e guarda a vida fora e debaixo dos cobertores, dessa forma se as flores morrem, elas também morrem com as flores porque já se sentem parte delas, o desbotar das flores encontra seu paralelo no desbotar das energias vitais das mulheres afro-americanas para combater aos sistemas que oprimem e violam a condição das mulheres negras nos Estados Unidos.

Em diálogo com Paul D, Sethe demonstra as marcas da violência que as mulheres eram submetidas.

Me seguraram no chão e tiraram meu leite. Foi para isso que entraram lá.[...]. O professor fez um deles abrir minhas costas e, quando a pele cicatrizou, tomou a forma de uma árvore. Ela continua aqui. – usaram o açoite em você? – E tiraram meu leite. – Surraram você grávida? – E tiraram meu leite! (MORRISON, 1987, p. 27)

Dessa forma, percebe-se que a personagem ao relatar esses acontecimentos para Paul D, mergulha em memórias passadas, descreve a intricada condição em que viviam as mulheres afro-americanas, esses tipos de violações eram constantes no corpo das negras, não eram tratadas como seres humanos, e sim como objetos sem valores. Os opressores abriam, exploravam e dividiam as suas carnes deixando profundas cicatrizes, do mesmo modo fizeram com a terra que “foi dominada, escravizada, dividida em países com imensas e terríveis fronteiras” (ANTUNES, 2000, s/p). Essa

relação do homem com o meio ambiente é metaforicamente comparado aqui com as atrocidades feitas com os corpos das mulheres negras que foram igualmente cortadas, exploradas, em fim, separadas em diferentes países.

A árvore impregnada nas costa de Sethe tem uma assimilação com a árvore Baobá, característica da cultura africana. É verdadeiramente símbolo do continente africano, a sociedade tradicional africana reserva carinho apologético para está árvore, devido a sua forte estrutura, capacidade de resistir a longos períodos de seca, a sua galha é fenomenal tem o poder de seduzir qualquer um daí a coletânea de contos, lendas e provérbios com foco no Baobá. (WALDMAN, 2011, p. 2).

Se pode perceber, a árvore Baobá é extremamente resistente, sobrevive anos e “do seu cerne, se obtém fibra fortíssima” (PEIXOTO, 1989 apud WALDMAN, 2011, p .2) Nesse sentido, ao explorar as representações ambientais no romance, a literatura de Toni Morrison possibilita na cogitação crítica da inclusão do homem com a natureza, com o intuito de nortear o leitor na compreensão do posicionamento da resistência política da mulher negra norte-americana, como se pode observar, a árvore das Baobás, é de suma importância para os africanos, ela serve como base para a resolução dos problemas sociais, culturais e religiosos. É nela que buscam sustentações, os sentidos e a significação para permanecerem ativos na sociedade.

O arcabouço de uma árvore recheadas de ramificações e preciosidades de vitalidades, expressa em Sethe, toda a resistência da identidade e da cultura da mulher afro-americana que está amplamente enraizada na busca de novas conquistas em uma sociedade considerada como racista.

É dessa forma, que a literatura morrisoniana faz um elo com a ecorítica possibilitando no presente tratar da relação do ser humano com o não humano (natureza) traçando o perfil da resistência das políticas identitárias das mulheres negras, cujas raízes africanas estão profundamente geminadas em terras norte-americanas.

A presença dos aspectos fluviais no referido romance evidencia a sua importância para as pesquisas da diáspora africana. As águas do rio simbolizam, em *Beloved*, a fronteira entre a escravidão e a liberdade "Assim que Sethe chegou perto do rio, sua própria bolsa de água vazou para se juntar a ele" (Morrison, 1987, p. 20). Sethe rasteja até um barco onde é “batizada” pelas águas do Rio Ohio "(...) a água do rio, entrando por todos os buracos que escolhia, estava se espalhando pelo quadril de Sethe" (1987, p. 120). O nascimento de Denver junto ao Rio Ohio simboliza aqui o surgimento da liberdade, o bebê é também feminino e isso demonstra no romance o quanto a força feminina negra é resistente na busca de sua consciência identitária.

Desse modo, o nascimento de Denver dá luz a novos princípios para Sethe, outra realidade de vida, uma vida livre do outro lado da fronteira do rio Ohio que simboliza no romance um local sagrado que lava, renova e purifica: depois de Amy Denver “lavar as mãos e o rosto no rio” (1987, p. 122), Sethe ainda bebe a “água sagrada”: "Ela implorou água e ele [Selo Pago] lhe deu um pouco do Ohio numa caneca" (1987, p. 129).

Essa relação da personagem com o rio Ohio desencadeia um olhar ecocrítico, pois o envolvimento de Sethe com as águas mostra a sua imensa valorização pelo Ohio como um local sagrado, onde a protagonista faz questão beber na fonte da libertação, ela sente sede de se libertar, ela quer sentir profundamente a sensação de liberdade que a natureza pode lhe proporcionar, pois os rios são livres com águas escorrendo para todos os lados, e isso só foi possível observar no romance porque a literatura dá margem ao homem ampliar a sua visão de mundo, através da linguagem literária presente na narradora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto a obra morrisoniana entra como uma aliada muito importante, uma vez que a autora mostra, minuciosamente, a flora, a mulher o homem e a luta, ou seja, o ambiente e toda sua complexidade; o indivíduo que nela habita, como habita e mostra também a luta diária desse para sobreviver, em todos os sentidos, haja vista que o nascer já se constitui em uma luta.

Assim a luta morrisoniana vem embasada de várias conotações, embora ela trate diretamente da diáspora, escravidão e a busca da liberdade, observa-se que a luta está em toda parte, para que os personagens se afirmem como “ser”. Assim, acredita-se que ao relaciona a teoria da ecocrítica, a narrativa afro-americana, este estudo se faz relevante e trará uma grande contribuição a crítica cultural, porque se trata de uma nova visão para abordagem da obra *Amada*, que já se falava estar afadigadas de inúmeras análises literárias, e ao mesmo tempo por trazer uma reflexão para realidade dos negros norte- americanos possibilitando uma revisão para a percepção ambiental bem como as ações do ser humano consigo mesmo e com a natureza. Daí a importância de uma pesquisa sócio-ambiental.